

UM MUSEU MUNICIPAL PARA PENAFIEL 1884-1974

EM MEMÓRIA DE ABÍLIO MIRANDA,
NO CENTENÁRIO DO SEU NASCIMENTO

Teresa Soeiro

1. PENAFIEL

Cidade setecentista no interior do distrito do Porto, Penafiel cresceu durante a Idade Moderna como cruzamento viário, local de fim de jornada para quem transitava na estrada que do litoral conduzia a Trás-os-Montes e às Beiras. Núcleo de arreigadas tradições no trabalho artesanal, era porém sem dúvida o comércio que a ela trazia grande número de forasteiros, particularmente na sua feira anual de S. Martinho. Esta força centripeta arrastava para a cidade negociantes de todo o país e famílias do aro rural ou das vilas vizinhas que aqui vinham abastecer-se e gozar este excepcional espaço lúdico. Por uma quinzena instalavam-se em aposentos que em toda a cidade burgueses e artistas alugavam, como tinham também de alugar as lojas para as bestas ou mesmo os portais para o comércio mais delicado.

Muito procurada para aboletar tropas de passagem ou fixá-las nos quartéis entretanto aqui sediados, Penafiel é também um local de partida. Saem semanal ou sazonalmente os seus artistas especializados que vão trabalhar, itinerantemente, onde houver obra ou se dirigem ao Porto; partem os feirantes levando os produtos locais aos mercados de todo o país; viajam os jovens para estudar em Coimbra; vão-se as famílias gradas que para manter a sua posição precisam de estar onde possam ser vistas, na corte ou pelo menos na segunda cidade do reino.

Neste ir e vir a prosápia da cidade não deixou de se afirmar, de construir de si uma imagem entre os pergaminhos da nova nobreza e os do trabalho, nem sempre coincidente com a impressão que os visitantes dela colhiam⁽¹⁾.

Depois de meio século de administração local própria (tem Câmara desde 1741) e de vida urbana à imitação da cidade do Porto com a qual nunca rompeu a ligação umbilical, também aqui chegaram os ecos das novas necessidades anunciadas, da permência em formar bibliotecas e museus para instruir e ocupar os ócios dos cidadãos, para incentivar os senhores na emulação com os seus pares pela corrida ao progresso, para ensinar às classes laboriosas os avanços do mundo da técnica⁽²⁾.

Sede de um concelho que nos anos sessenta do século passado ultrapassava os vinte e oito mil habitantes, cidade talvez a rondar os três milhares de pessoas⁽³⁾, com fortes e reconhecidas carências no

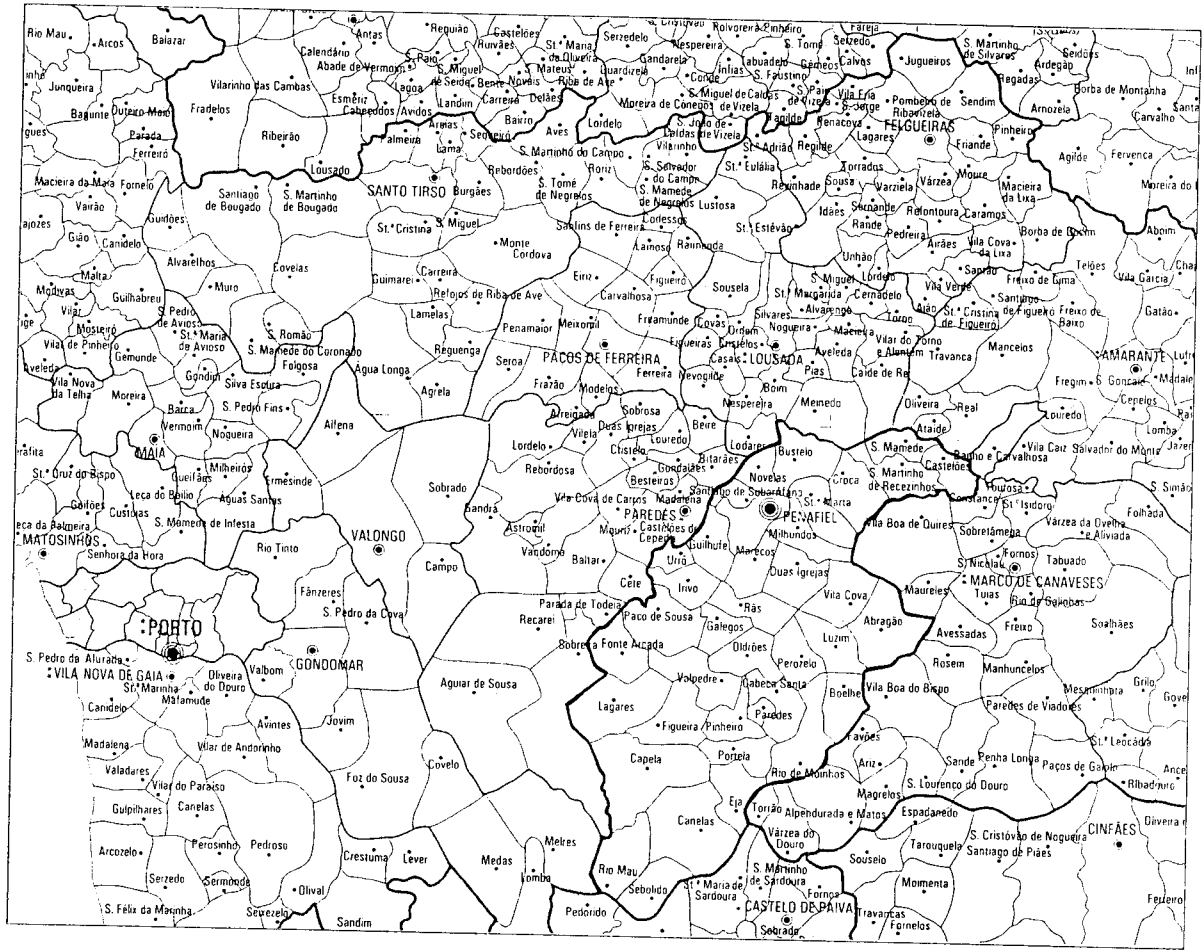
(1) ALMEIDA, António de — Descrição histórica e topográfica da cidade de Penafiel. *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, 10 (2) 1830, 1-1180.

BEÇA, Coriolano de Freitas — *Penafiel hontem e hoje. Recordações e impressões*. Penafiel 1896.

SOEIRO, Teresa — *Penafiel*. Lisboa 1994.

(2) SOEIRO, Teresa — *O progresso também chegou a Penafiel. Resistência e mudança na cultura material, 1741-1910*. Porto 1993.

(3) Os resultados preliminares do Censo de 1991 indicam para esse momento uma população de 65.925 habitantes no concelho e 7.105 na freguesia de S. Martinho de Penafiel, que abrange toda a área da cidade e também alguns lugares rurais.



adaptado de Comissão Nacional do Ambiente
Carta Administrativa de Portugal. Folha 1, esc. 1:250 000. Lisboa, 1979

1. Carta administrativa do concelho de Penafiel.

domínio da instrução, nela com dificuldade vingaram as primeiras tentativas para implantar este tipo de estabelecimentos culturais públicos que, porém, não deixaram de contar com entusiastas empenhados. Apesar de alguma coisa ter mudado entretanto, em Abril de setenta e quatro a Biblioteca-Museu vivia ainda, entre dificuldades e sobressaltos, da vontade forte do seu único funcionário, quase sem verbas orçamentadas, num espaço degradado em que os desvelos com dificuldade superavam ou adiavam a permanente ameaça que pairava sobre um espólio durante décadas zelosamente recolhido.

Neste trabalho quisemos refazer o percurso biográfico da instituição, utilizando para isso a documentação manuscrita existente no próprio Museu e a do Arquivo Municipal, as notas monográficas já publicadas, as notícias estampadas nos periódicos locais e ainda a memória de intervenientes, responsáveis, funcionários e utilizadores, que pacientemente foram esclarecendo as questões por nós colocadas e acrescentando-as de informações a que por outra forma talvez não conseguíssemos aceder.

2. A BIBLIOTECA E O MUSEU, TENTATIVAS E FRACASSOS ANTERIORES A 1947

2.1. A BIBLIOTECA POPULAR OU MUNICIPAL, PRIMEIROS ENSAIOS

Em Penafiel também se fez sentir a voga de criar bibliotecas populares que percorreu o país na década de sessenta do século passado. A cidade começou a constituir a sua biblioteca em 1863, pedindo à do Porto os livros que esta tivesse em duplicado⁽⁴⁾.

A instrução tornara-se então uma questão polémica, como se pode verificar pela imprensa local⁽⁵⁾, e nessa mesma discussão esgrimia-se como arma acusatória o facto do município, este a exemplo de muitos outros, não fazer cumprir o previsto na lei quanto à reserva de uma pequena verba do orçamento anual para dotar um estabelecimento de leitura pública. Os protestos subiram de tom quando em 1870 a Câmara recusou a oferta de venda de uma livraria privada por não dispor de 300\$000, quantia em que fora avaliada⁽⁶⁾. Perdia-se assim a possibilidade de dotar a desejada Biblioteca Popular com fundos importantes, insurgindo-se o articulista por nessa ocasião estarem a ser dispendidas verbas incomparavelmente mais elevadas com projectos de reformas urbanísticas e viárias de interesse duvidoso.

Certo é que no orçamento para 1871 encontramos já uma rubrica com 50\$000 destinados à compra de livros e outra de 12\$000 para assinar o Diário do Governo e o Reportório das Câmaras⁽⁷⁾. Em 1876 apela-se para o decreto de 2 de Agosto de 1870, art.º 1, que previa a compra de livros, para os solicitar ao Governo Civil, enquanto no orçamento se mantém constante a verba destinada à Biblioteca⁽⁸⁾.

A confiança de que o progresso se atingiria pela elevação do nível cultural de toda a população, incluindo as classes laboriosas, que aliás necessitavam dessa instrução para corresponder às cada vez maiores exigências da produção e do mercado internacionalizado, ganhou novo alento com a aura criada em volta do método de aprendizagem de leitura aplicado por João de Deus, especialmente rápido e eficaz no ensino de adultos, para os quais se abriram mais aulas de leitura e também de matérias tendentes à especialização na indústria. Neste contexto, a Biblioteca Popular «*deve ser não só de livros úteis, mas de todos os elementos que possam servir para a educação industrial e artística, e estar patente ao publico principalmente nos dias santificados e de noute. Os filhos do trabalho não teem outras horas disponiveis*⁽⁹⁾».

⁽⁴⁾ AMPNF — A 123, Livro copiador de correspondência expedida: 1863, Maio, 9.

⁽⁵⁾ *O Século XIX*, primeiro jornal editado em Penafiel, dedicou vários artigos de primeira página ao tema *Instrução pública*, a partir do número 27, de 1 de Junho de 1864.

⁽⁶⁾ *Gazeta de Penafiel*. Penafiel, 27 de Abril de 1870.

⁽⁷⁾ AMPNF — A 28, Livro de registo das actas da Câmara: 1871, Agosto, 17.

⁽⁸⁾ AMPNF — A 30, Livro de registo das actas da Câmara: 1876, Julho, 20 e Setembro, 18.

⁽⁹⁾ *O Commercio de Penafiel*. Penafiel, 13 de Setembro de 1878.

A Assembleia Penafidense d'Instrução e Recreio acabava de inaugurar no início de 1878 uma biblioteca para os seus sócios, a Biblioteca Herculano, em sala de leitura própria com estanteria em castanho, uma grande mesa de leitura, uma imagem do patrono e perto de dois milhares de volumes⁽¹⁰⁾.

Os livros pedidos ao governo central estavam já disponíveis em 1879⁽¹¹⁾, mandando-se no ano seguinte fazer o primeiro catálogo da Biblioteca a fim de verificar em pormenor as existências e planear assim as obras a adquirir⁽¹²⁾. Logo no início de 1881 faz-se essa compra, no valor de 37\$160⁽¹³⁾, abarcando títulos de autores portugueses contemporâneos e traduções de estrangeiros, num total de vinte e dois, que cuidadosamente se registam na acta de uma reunião camarária⁽¹⁴⁾.

1885 é um ano decisivo, em que a Câmara nomeia a primeira comissão organizadora da biblioteca, com o objectivo expresso de se encarregar de «proceder à organização da bibliotheca municipal, a fim de que possa abrir-se ao publico em cumprimento da lei»⁽¹⁵⁾. Faziam parte dessa comissão Francisco Pinto Coelho Soares de Moura, Adolfo Soares Pinto de Miranda e António Augusto Pereira de Sousa, todos com experiência em cargos autárquicos ao mais alto nível. Para implementar de facto o funcionamento, pede-se à Biblioteca Municipal do Porto uma cópia do regulamento e a explicação das tarefas a cargo dos funcionários⁽¹⁶⁾.

O jornal *A União* saudou encomeasticamente a nomeação desta comissão, a qual começou de imediato o seu labor⁽¹⁷⁾. Como recomendara o mesmo periódico anteriormente, talvez a leitura domiciliária fosse o melhor caminho para obviar à falta de instalações. Na própria Câmara, um funcionário administrativo serviria de fiel do fundo documental, limitando-se a verificar que os utentes, uma vez escolhida a obra no catálogo onde constaria adiante de cada livro o tempo que o mesmo podia permanecer fora e a caução devida, fizessem o respectivo termo de responsabilidade⁽¹⁸⁾.

A comissão deliberou ainda pedir aos penafidenses que possuissem obras repetidas ou que porventura se tivessem desinteressado delas para as doar ou depositar na nova biblioteca, ajudando assim a constituir um fundo que a parca dotação anual dificilmente alimentaria por si só. Pretendia-se ainda que os manuais respeitantes às inovações no domínio técnico-agrícola e industrial tivessem lugar privilegiado, para suprir as carências do ensino profissional⁽¹⁹⁾.

A Biblioteca e o Museu tinham desde o ano anterior, 1884, o seu primeiro projecto de instalações. Ficariam integradas num magnífico edifício escolar projectado a pedido do presidente da autarquia, Manuel Pedro Guedes, por Manuel Maria Ricardo Correa, engenheiro chefe da 5ª secção da Repartição Técnica

⁽¹⁰⁾ *O Penafidense*. Penafiel, 11 de Janeiro de 1878.

⁽¹¹⁾ AMPNF — A 31, Livro de registo das actas da Câmara: 1879, Outubro, 2.

⁽¹²⁾ AMPNF — A 31, Livro de registo das actas da Câmara: 1880, Abril, 20. A partir deste ano a compra de livro é mencionada em várias actas da Câmara, por exemplo AMPNF — A 31, Livro de registo das actas da Câmara: 1881, Janeiro, 7 e Abril, 7; A 33, Livro de registo das actas da Câmara: 1885, Julho, 16 e 1886, Agosto, 26; A 36, Livro de registo das actas da Câmara: 1896, Junho, 5.

⁽¹³⁾ AMPNF — A 31, Livro de registo das actas da Câmara: 1881, Janeiro, 7. A restante verba ficou reservada para pagamento das encadernações.

⁽¹⁴⁾ AMPNF — A 31, Livro de registo das actas da Câmara: 1881, Abril, 4.

⁽¹⁵⁾ AMPNF — A 33, Livro de registo das actas da Câmara: 1885, Agosto, 6. Dois meses antes no periódico local *A União* aparecia mais um artigo lembrando a necessidade de criar a Biblioteca, estabelecimento que já existia no muito menos urbano concelho vizinho de Paredes: *A União*. Penafiel, 18 de Junho de 1885. A Biblioteca Popular de Paredes surgiu em 1882: BARREIRO, José do — *Monografia de Paredes*. Porto, 1922-1924, p. 170-173; COELHO, Manuel Ferreira — *Biblioteca-Museu de Paredes. O Concelho de Paredes*, 1 1978, 85-90.

⁽¹⁶⁾ AMPNF — A 33, Livro de registo das actas da Câmara: 1887, Janeiro, 7.

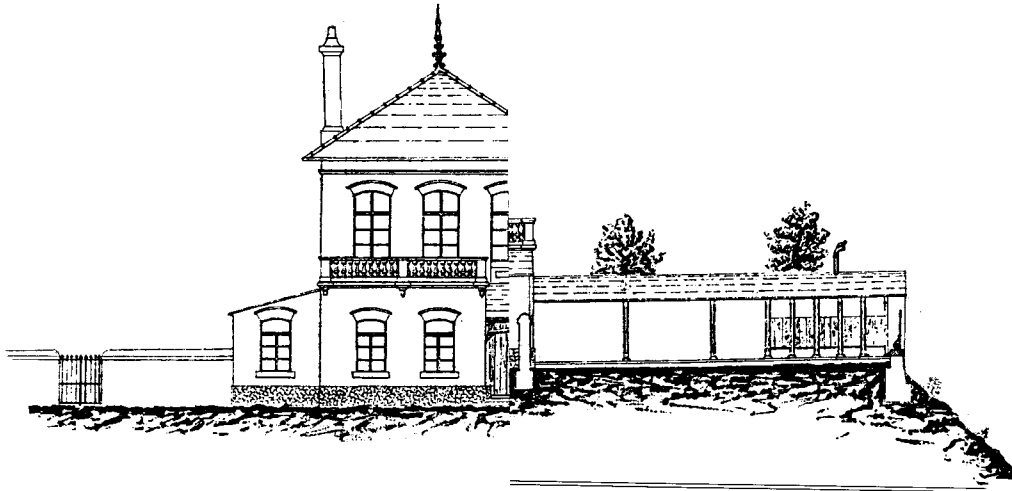
⁽¹⁷⁾ *A União*. Penafiel, 9 de Agosto de 1885.

⁽¹⁸⁾ *A União*. Penafiel, 25 de Junho de 1885.

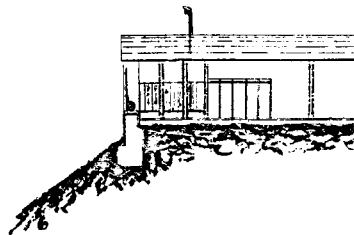
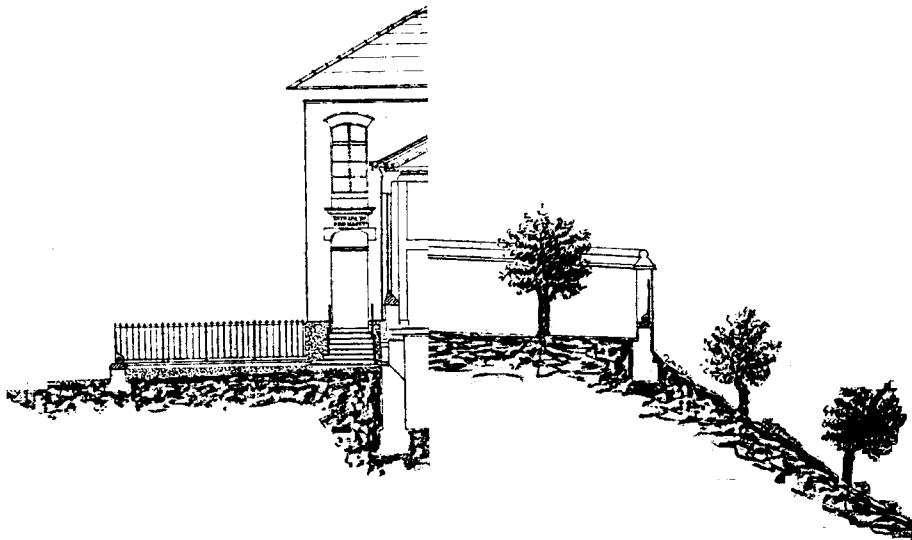
⁽¹⁹⁾ *A União*. Penafiel, 20 de Agosto de 1885.

PROJECTO DE ESCOLA PARA BIBLIOTHECA,

Alçada da parte exterior, representando uma das



Corte transversal por D, mostrando o interior de um dos andares.

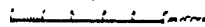


Escalões.

Do desenho (A) a 0,02:1,0

dos restantes a 0,008:1.

Alçada dos urinóis e latrinas seguras.



ção.

Folio 6
Manuel de Aguiar
1884
Lisboa - Fevereiro de 1884

a efectivar no dobrar do século, patrocinado pela mesma Sociedade Martins Sarmento.

No Porto as exposições agrícolas e industriais multiplicaram-se justificando mesmo a construção de um espaço próprio, o Museu Industrial e Comercial, nelas alicerçado. Tinha antecedentes que remontavam aos primeiros anos da vitória liberal mas, de facto, só a reorganização do ensino do último quartel de oitocentos lhe dará forma. Também o Museu Allen possuía no seu programa, desde cedo, uma secção de *machinas agricolas e industriaes*, que não teria passado da intenção⁽²⁷⁾.

O decreto de 24 de Dezembro de 1883 veio dar força legal aos museus industriais de Lisboa e Porto, regulamentando a sua instituição (6 de Maio de 1884) que na segunda cidade do reino desde logo se identificou com a imparável actividade de Joaquim de Vasconcelos⁽²⁸⁾. Será certamente nesta instituição que o redactor do jornal penafidense colhe a inspiração para a proposta de criar um museu industrial na sua pequena cidade.

Se o Museu Industrial do Porto, instalado no antigo Circo Olympico, se revelou um assinalável êxito, com forte adesão do público até ao seu infeliz encerramento, o de Penafiel jamais voltou a ser discutido depois de lançada a ideia inicial.

2.3. VICISSITUDES DA BIBLIOTECA MUNICIPAL

2.3.1. A BIBLIOTECA DE 1917

Acidentado se fez o primeiro percurso da Biblioteca Municipal⁽²⁹⁾, aberta de facto ao público a 6 de Junho de 1917⁽³⁰⁾ graças à conjugação favorável entre a dádiva de um vultuoso legado bibliográfico, o do Dr Francisco de Sousa Vinhós, entregue por seu irmão José, e a presença à frente da secretaria da Câmara de um homem excepcionalmente culto e dedicado que foi Luís de Chatillon da Rocha Beça⁽³¹⁾. Sita na Avenida Araújo e Silva, esta biblioteca dispunha de três estantes de livros, uma mesa para os leitores e outra de trabalho e era iluminada por luz eléctrica⁽³²⁾. A frequência da biblioteca não chegava às duas centenas de leitores mensais, mas os fundos documentais, inicialmente cerca de setecentos volumes, cresciam significativamente por meio de sucessivas ofertas que os jornais iam noticiando para orgulho dos doadores⁽³³⁾, rondando no fim do primeiro ano de funcionamento os três milhares⁽³⁴⁾.

(27) VIANA, Maria Teresa da Costa Pereira — *Os Museus do Porto no século XIX. Subsídios para o estudo da museologia em Portugal*, vol.1, Lisboa 1970, 67 e segs.

(28) VIANA, Maria Teresa da Costa Pereira — *Os Museus do Porto no século XIX. Subsídios para o estudo da museologia em Portugal*, v.1, Lisboa, 1970, 78 e segs e vol.2, 151 e segs.

(29) MIRANDA, Abílio — Biblioteca Municipal de Penafiel. *Penha - Fidelis* 1 1927-1929, 1

MIRANDA, Abílio — O nosso motivo. *Penha - Fidelis* 1 1927-1929, 2.

MIRANDA, Abílio — Os amigos da biblioteca. *Penha - Fidelis*, 1 1927-1929, 16.

MIRANDA, Abílio — Biblioteca Municipal. *Penha - Fidelis*, 1 1927-1929, 40.

CUNHA, Maria de Fátima Vila Pouca dos Santos e — Notas históricas sobre a Biblioteca Municipal de Penafiel. *Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel*, 2ª série, 4/5 1966/67, 27-31.

(30) BMPNF [Acta da inauguração solene da Biblioteca Municipal de Penafiel]: 1917, Junho, 6.

Auto de abertura da Biblioteca. Penafiel. *Boletim da Comissão Municipal de Cultura*, 1 1947, 3-4.

O Penafidense. Penafiel, 5 de Junho de 1917.

(31) GUIMARÃES, Bertino Daciano R. S. — *O professor e artista Luís Carlos de Châtillon da Rocha Beça*. Porto 1954.

(32) *O Penafidense*. Penafiel, 8 de Junho de 1917.

(33) *O Penafidense*. Penafiel, 10, 17 de Julho; 3, 10 e 24 de Agosto; 4, e 14 de Setembro, 9 de Outubro e 2 de Novembro de 1917.

(34) *O Penafidense*. Penafiel, 11 de Junho de 1918.

da Câmara Municipal de Lisboa⁽²⁰⁾. Custaria todo o complexo 9 370\$379, verba muito elevada, impossível de angariar pelo município mesmo com recurso a empréstimo⁽²¹⁾. Como sucedeu com outras iniciativas de melhoramentos urbanos desta época, estava mal dimensionado para a realidade local⁽²²⁾.

2.2. O MUSEU INDUSTRIAL

«O outro melhoramento a que acima alludimos é a organização d'um muzeu industrial concelho, uma exposição permanente em que o industrial patenteie o resultado do seu estudo, do seu aperfeiçoamento, e em que se lhe apresentem os productos das industrias estranhas, que aqui possam ser acclimatados, ou aperfeiçoados.

Este muzeu ao lado d'uma bibliotheca com grande copia de livros profissionaes e de relatorios dos nossos consules no estrangeiro será sem duvida o melhor incentivo ao desenvolvimento das industrias do concelho; será bem melhor que as grandes exposições a que o industrial manda uns productos ad hoc, pompozos, pouco vendaveis, e onde não vae estudar os aperfeiçoamentos operados.

E a camara mais tarde tem de fazer um muzeu escholar porque, segundo os mais sensatos methodos d'ensino, nas escholas deve ministrar-se aos alumnos conhecimentos praticos, por meio de muzeus, tendo-os já as escholas da capital, vindos, diga-se para nossa vergonha, de França; por isso é melhor que a pouco e pouco se vá aqui formando um que preencha os dois fins.

E um muzeu d'estes n'uma eschola será d'incalculavel vantagem, porque ao mesmo tempo que dá ao alumno conhecimento pratico d'um certo numero d'objectos, vae-lhe fazendo pronunciar a vocação que mais tarde tem de seguir»⁽²³⁾.

Penafiel acompanhava o seu tempo, neste apelo da imprensa local à criação de um Museu Industrial, instituição tipo a que fora dado modelo teórico ainda no final de setecentos e que desde então atraía a atenção de muitos mentores do desenvolvimento nacional baseado no progresso das indústrias e da educação profissionalizante, a lembrar Saint Simon, compatibilizando as inovações técnicas oriundas do estrangeiro com a vocação tradicional de cada região⁽²⁴⁾.

Exemplos a seguir havia-os bem próximos, como era o caso da industriosa Guimarães que em 1884 se abalançara a realizar uma primeira Exposição Industrial⁽²⁵⁾. Deste intento, «incontestavelmente um arrojo d'este concelho, visto que nenhuma terra portugueza com esta restricção, se tinha lançado em semelhante ousadia»⁽²⁶⁾, ficara a motivação para um museu permanente da indústria concelhia, que só se chegará

⁽²⁰⁾ FRANÇA, José-Augusto — *A arte em Portugal no século XIX*, vol. 2, Lisboa 1966, 19.

⁽²¹⁾ AMPNF — A 33, Livro de registo das actas da Câmara: 1884, Julho, 3 e Novembro, 27. AMPNF — A 1136, Pasta contendo processos de obras públicas: 1884, Maio, 20.

⁽²²⁾ SOEIRO, Teresa — *O progresso também chegou a Penafiel. Resistência e mudança na cultura material, 1741-1910*. Porto 1993, 323 e segs.

⁽²³⁾ *A União*. Penafiel, 25 de Junho de 1885.

⁽²⁴⁾ COSTA, Mário Alberto Nunes — *O ensino industrial em Portugal de 1852 a 1900 (Subsídios para a sua história)*. Lisboa 1990, 66, 72-73 e 99-101.

CUSTÓDIO, Jorge — Os museus industriais e a arqueologia industrial, in *Museologia e arqueologia industrial. Estudos e projectos*. Lisboa 1991, 7 e segs.

GOUVEIA, Henrique Coutinho — Acerca do conceito e evolução dos Museus Regionais portugueses desde finais do século XIX ao regime do Estado Novo. *Bibliotecas Arquivos e Museus* 1 1985, 152 e segs.

RAMOS, Paulo Oliveira — Breve história do museu em Portugal, in *Iniciação à museologia*, Lisboa 1993, 38-40.

GOUVEIA, Henrique Coutinho — A evolução dos Museus Nacionais portugueses. Tentativa de caracterização, in *Homenagem a J. R. dos Santos Junior*, vol. 2, Lisboa 1993, 180.

⁽²⁵⁾ *Relatorio da Exposição Industrial de Guimarães em 1884*. Porto 1884.

⁽²⁶⁾ PEREIRA, J. Gualdino — *Boletim, RG* 17 1900, 63-64.

a efectivar no dobrar do século, patrocinado pela mesma Sociedade Martins Sarmento.

No Porto as exposições agrícolas e industriais multiplicaram-se justificando mesmo a construção de um espaço próprio, o Museu Industrial e Comercial, nelas alicerçado. Tinha antecedentes que remontavam aos primeiros anos da vitória liberal mas, de facto, só a reorganização do ensino do último quartel de oitocentos lhe dará forma. Também o Museu Allen possuía no seu programa, desde cedo, uma secção de *machinas agricolas e industriaes*, que não teria passado da intenção⁽²⁷⁾.

O decreto de 24 de Dezembro de 1883 veio dar força legal aos museus industriais de Lisboa e Porto, regulamentando a sua instituição (6 de Maio de 1884) que na segunda cidade do reino desde logo se identificou com a imparável actividade de Joaquim de Vasconcelos⁽²⁸⁾. Será certamente nesta instituição que o redactor do jornal penafidense colhe a inspiração para a proposta de criar um museu industrial na sua pequena cidade.

Se o Museu Industrial do Porto, instalado no antigo Circo Olympico, se revelou um assinalável êxito, com forte adesão do público até ao seu infeliz encerramento, o de Penafiel jamais voltou a ser discutido depois de lançada a ideia inicial.

2.3. VICISSITUDES DA BIBLIOTECA MUNICIPAL

2.3.1. A BIBLIOTECA DE 1917

Acidentado se fez o primeiro percurso da Biblioteca Municipal⁽²⁹⁾, aberta de facto ao público a 6 de Junho de 1917⁽³⁰⁾ graças à conjugação favorável entre a dádiva de um vultuoso legado bibliográfico, o do Dr Francisco de Sousa Vinhós, entregue por seu irmão José, e a presença à frente da secretaria da Câmara de um homem excepcionalmente culto e dedicado que foi Luís de Chatillon da Rocha Beça⁽³¹⁾. Sita na Avenida Araújo e Silva, esta biblioteca dispunha de três estantes de livros, uma mesa para os leitores e outra de trabalho e era iluminada por luz eléctrica⁽³²⁾. A frequência da biblioteca não chegava às duas centenas de leitores mensais, mas os fundos documentais, inicialmente cerca de setecentos volumes, cresciam significativamente por meio de sucessivas ofertas que os jornais iam noticiando para orgulho dos doadores⁽³³⁾, rondando no fim do primeiro ano de funcionamento os três milhares⁽³⁴⁾.

⁽²⁷⁾ VIANA, Maria Teresa da Costa Pereira — *Os Museus do Porto no século XIX. Subsídios para o estudo da museologia em Portugal*, vol.1, Lisboa 1970, 67 e segs.

⁽²⁸⁾ VIANA, Maria Teresa da Costa Pereira — *Os Museus do Porto no século XIX. Subsídios para o estudo da museologia em Portugal*, v.1, Lisboa, 1970, 78 e segs e vol.2, 151 e segs.

⁽²⁹⁾ MIRANDA, Abílio — Biblioteca Municipal de Penafiel. *Penha - Fidelis* 1 1927-1929, 1

MIRANDA, Abílio — O nosso motivo. *Penha - Fidelis* 1 1927-1929, 2.

MIRANDA, Abílio — Os amigos da biblioteca. *Penha - Fidelis*, 1 1927-1929, 16.

MIRANDA, Abílio — Biblioteca Municipal. *Penha - Fidelis*, 1 1927-1929, 40.

CUNHA, Maria de Fátima Vila Pouca dos Santos e — Notas históricas sobre a Biblioteca Municipal de Penafiel. *Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel*, 2ª série, 4/5 1966/67, 27-31.

⁽³⁰⁾ BMPNF [Acta da inauguração solene da Biblioteca Municipal de Penafiel]: 1917, Junho, 6.

Auto de abertura da Biblioteca. Penafiel. *Boletim da Comissão Municipal de Cultura*, 1 1947, 3-4.

O Penafidense. Penafiel, 5 de Junho de 1917.

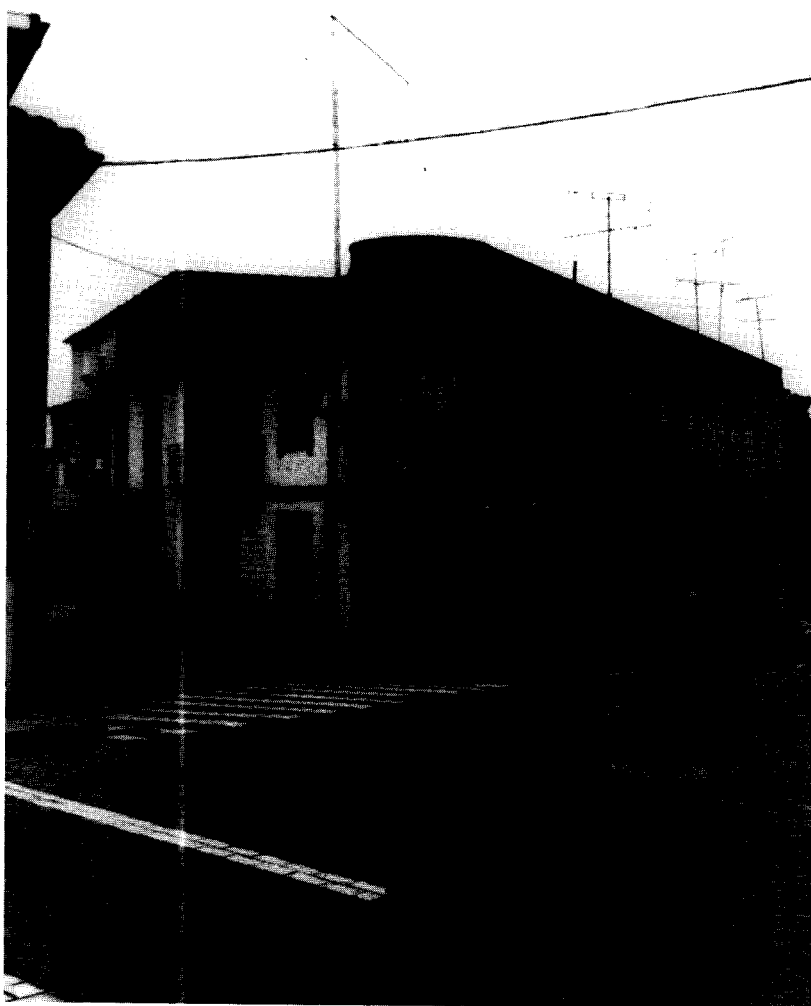
⁽³¹⁾ GUIMARÃES, Bertino Daciano R. S. — *O professor e artista Luís Carlos de Châtillon da Rocha Beça*. Porto 1954.

⁽³²⁾ *O Penafidense*. Penafiel, 8 de Junho de 1917.

⁽³³⁾ *O Penafidense*. Penafiel, 10, 17 de Julho; 3, 10 e 24 de Agosto; 4, e 14 de Setembro, 9 de Outubro e 2 de Novembro de 1917.

⁽³⁴⁾ *O Penafidense*. Penafiel, 11 de Junho de 1918.

A falta de enraizamento da instituição no tecido social penafidense e os poucos hábitos de leitura da população, criticados pela imprensa logo dois meses depois da abertura⁽³⁵⁾, ajudam-nos talvez a entender o modo como a mudança de residência de Luís Chatillon para outra da cidade foi fatal à jovem instituição. Perdido o seu principal garante, a biblioteca encerrou em Outubro de 1919.



3. Edifício da avenida Araújo e Silva onde foi instalada a Biblioteca Municipal em 1917.

⁽³⁵⁾ *O Penafidense*. Penafiel, 28 de Agosto de 1917.

As seis idias do mês de Junho de anno de mil novecentos e dezanove, nesta cidade de Penafiel, na avenida Araújo e Silva, foi solenemente inaugurada, e em seguida aberta ao publico, a Biblioteca Municipal de Penafiel, assistindo a este acto a Commissão Executiva da Câmara Municipal, composta do seu presidente, Ex.^{mo} Sr. Eduardo José Cocho Viana, e dos vogais, Ex.^{mos} Srs. Francisco Vaz Guedes de Almeida Malafaya, José Pereira Mendes Leal, José Pereira da Cunha, Bernardino Ferreira Monteiro, José Pereira de Campos e Joaquim Augusto de Serpa Pinto, que vão assinar o presente acto com outros cidadãos presentes.

Eu, Carlos de Chãtilhem da Rocha Bessa, chefe da secretaria da Câmara, subscreevo.

Eduardo José Cocho Viana.

Francisco Vaz Guedes de Almeida Malafaya

José Pereira Mendes Leal

José Pereira da Cunha

José Pereira de Campos

Eu, Carlos de Chãtilhem da Rocha Bessa,

prefeito municipal

José Solano Ferreira da Silva

Manuel Antonio Fernandes

Francisco Malafaya de Almeida Viana

Alfonso Pereira Cocho da Silva

Registo do movimento da Biblioteca Municipal de Penafiel
1917.

Data	Visitações			Obras consultadas			Livros adquiridos		
	aviso	sumário	Total	aviso	de mão	Total	por compra	por doação	
Junho	6	-	9	9	-	5	5		
"	7	-	-	-	-	-	-		Fechada.
"	8	-	4	4	-	5	5	14	
"	9	-	9	9	-	9	9		
"	10	-	-	-	-	-	-		Fechada.
"	11	-	4	4	-	4	4		
"	12	-	6	6	-	6	6		
"	13	-	9	9	-	7	7		
"	14	-	8	8	-	9	9	17	
"	15	11	5	16	9	5	14		
"	16	-	13	13	-	12	12	1	
"	17	-	-	-	-	-	-		Fechada.
"	18	-	3	3	-	3	3		
"	19	-	8	8	-	8	8	2	
"	20	-	10	10	-	12	12		
"	21	5	3	8	1	3	4		
"	22	-	4	4	-	4	4		
"	23	-	3	3	-	3	3		
"	24	-	-	-	-	-	-		Fechada.
"	25	-	4	4	-	4	4		
"	26	1	2	3	-	2	2		
"	27	-	4	4	-	4	4		
"	28	-	15	15	-	13	13		
"	29	-	3	3	-	3	3		
"	30	-	9	9	-	9	9		
Julho	1	-	-	-	-	-	-		Fechada.
"	2	-	6	6	-	4	4		
		17	150	167	10	140	150		

5. Biblioteca Municipal, primeiro livro de registo de leitores.

2.3.2. A BIBLIOTECA DE 1926

A semente lançada mostrar-se-ia porém bastante vivaz, conseguindo suportar a não menos atormentada reabertura da instituição logo nos prelúdios do novo regime. É altura de entrar em cena Abílio Miranda⁽³⁶⁾, individualidade que durante quatro décadas personificará, de forma assaz polémica, a actividade cultural do município. Filho de um dos homens designados em 1885 pela Câmara para a primeira Comissão Organizadora da Biblioteca, este farmacêutico, jornalista e historiador local trouxe pela sua actividade militante mais uma vez Penafiel a um merecido lugar no panorama da preservação e estudo do património cultural a nível nacional.

Vereador da Câmara Municipal, Abílio Miranda fica encarregado por esta de reorganizar a Biblioteca de forma a que ela viesse a abrir novamente as suas portas ao público. Assim o fez e a 22 de Abril de 1926 apresenta, em sessão, um primeiro relatório em que dá conta do estado em que se encontravam os fundos bibliográficos e o mobiliário⁽³⁷⁾. Atitude sem dúvida de defesa esta que o levou a arrolar os bens entregues ao seu cuidado num tempo de instabilidade política.

A Biblioteca reabriu de facto ao público a 6 de Junho de 1927⁽³⁸⁾, mas a perseguição política não se fez esperar. Em 1928 Abílio Miranda deixa já nas páginas da revista *Penha-Fidelis*⁽³⁹⁾, que entretanto criara na Biblioteca para publicar estudos de história local⁽⁴⁰⁾, uma primeira explicação do seu pedido de exoneração, aceite em sessão de Câmara de 28 de Setembro de 1927⁽⁴¹⁾, e da profunda tristeza que sentia por ter abandonado a tarefa de encarregado no final do ano anterior⁽⁴²⁾. O azedume não fez senão crescer e no ano seguinte é a própria revista que chega ao seu fim⁽⁴³⁾.

A funcionar com horário entre as 20 e as 22 horas⁽⁴⁴⁾, a Biblioteca viu-se, antes de ser novamente encerrada, transferida para um edifício da avenida Sacadura Cabral, construção existente num dos ângulos da praça do mercado inaugurada em 1885. Ocupava apenas uma parte da casa, já de si exígua e pouco vocacionada para este fim.

O passo seguinte, ensaiado mas não concretizado, seria a pretendida reanimação da agonizante instituição, que previa a mudança da Biblioteca e Museu para o edifício da velha capela do Hospital, depois Teatro Penafidelense, na rua Direita frente à matriz. Uma vez lançada a ideia na imprensa local⁽⁴⁵⁾, os sócios da Associação dos Bombeiros Voluntários de Penafiel são convocados para em assembleia, agendada para o dia 28 de Novembro de 1931, se pronunciarem sobre a cedência à Câmara dos direitos de inquilino do referido prédio, foreiro à Santa Casa da Misericórdia⁽⁴⁶⁾.

⁽³⁶⁾ PIMENTEL, Ângelo — A Abílio Miranda. A nossa homenagem. *Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel*, 2ª série, 1 1963, 9-13.

FERREIRA, José F. Coelho — *Abílio Miranda. O homem, o penafidelense, o investigador*. Penafiel 1993.

MENDES, J. J. — *Evocação de Abílio Miranda no centésimo ano do seu nascimento*. Penafiel 1993.

⁽³⁷⁾ AMPNF — A 40, Livro de registo das actas da Câmara: 1926, Abril, 22.

MIRANDA, Abílio — *Biblioteca Municipal de Penafiel. Relatório apresentado á Camara Municipal, na sessão ordinaria d'Abril de 1926, pelo vereador encarregado da Bibliotéca*. Penafiel 1926.

O Povo de Penafiel. Penafiel, 21 de Novembro de 1926.

⁽³⁸⁾ *O Povo de Penafiel*. Penafiel, 26 de Junho de 1927.

Penha-Fidelis 1 1927/29, 40.

⁽³⁹⁾ *Penha-Fidelis* 1 1927/29.

⁽⁴⁰⁾ *O Povo de Penafiel*. Penafiel, 24 de Abril de 1927.

⁽⁴¹⁾ AMPNF — A 41, Livro de registo das actas da Câmara: 1927, Setembro, 28.

O Povo de Penafiel. Penafiel, 14 de Agosto e 2 de Outubro de 1927.

⁽⁴²⁾ MIRANDA, Abílio — Biblioteca Municipal. *Penha - Fidelis* 1 1927-1929, 160.

⁽⁴³⁾ MIRANDA, Abílio — *Finis!*. *Penha - Fidelis* 1 1927-1929, 298-300.

⁽⁴⁴⁾ *O Povo de Penafiel*. Penafiel, 9 de Outubro de 1927.

⁽⁴⁵⁾ *O Tempo*. Penafiel, 2 de Outubro de 1931.

⁽⁴⁶⁾ *O Tempo*. Penafiel, 20 de Novembro de 1931.



6. Edifício no ângulo NE da praça do Mercado onde esteve a Biblioteca no final dos anos vinte.

PENHA-FIDELIS

Director—ABÍLIO MIRANDA Editor—BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PENAFIEL

Composto e Impresso na Tipografia Minerva

1.º ANO—N.º 1

PENAFIEL—1927

De Deus é filha a alma inteligente; da alma inteligente é filha a linguagem falada; da linguagem falada é filha a linguagem escrita; da linguagem escrita é filha a leitura, da leitura são filhas as sciências, as artes, a civilização, a moral e a própria verdade.

A. F. de Castilho.

Biblioteca Municipal de Penafiel



Mgr. José de Sousa Vinhós, que com uma importante dadiua de livros sugeriu a fundação da Biblioteca Municipal



Luís Carlos de Chatillon da Rocha Beça, inteligente e esforçado organizador da Biblioteca Municipal

Esta Biblioteca abriu ao público, pela primeira vez, em 6 de Julho de 1917.

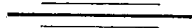
Por motivo da retirada desta cidade do Ex.^{mo} Snr. Luís Carlos de Chatillon, fechou pouco depois, conseruando-se assim, com graves prejuizos, até aos principios do ano findo, em que entrou novamente em reorganização, devendo voltar a abrir, dentro de pouco tempo, já muito beneficiada.

I
PENA - FIDELIS
PUBLICAÇÃO DE ESTUDOS
PARA A HISTÓRIA DE PENAFIEL

DIRECTOR
ABÍLIO MIRANDA
Da Ass. dos Arqueólogos Portugueses e da Societ. Portuguesa
de Antropologia e Etnologia



O BRASÃO DE PENAFIEL
por ABÍLIO MIRANDA



M C M X X X I
TIP. MINERVA
: Largo da Ajuda :
: P E N A F I E L :

CÂMARA MUNICIPAL DE PENAFIEL

Relação dos móveis e utensílios fornecidos pela Câmara Municipal à BIBLIOTECA MUNICIPAL

Designação dos móveis e utensílios	Quantidade	Qualidade do móvel ou utensílio	Dimensões	Estado de conservação	Outras indicações
Meza de pinho	Uma	Madeira pinho	1,10x2,63	Bom	
Secretária com seis gavetas e armário	Uma	" negro	1,18x0,60	Bom	
Meza	Uma	"	0,55x0,45	Bom	
Estantes com porta de vidro e uma gaveta	Duas	" mogno	2,25x1,35	Bom	
Idem, com portas de vidro e armário	Duas	" cerejeira	2,50x1,66	Bom	
Idem, com porta de vidro e armário	Duas	" castiço	2,98x1,98	Bom	
Idem, imitação pau preto com três portas de vidro e três gavetas	Uma	"	2,95x 2	Bom	
Idem, com portas de vidro, duas gavetas e armário	Uma	" mogno	1,94x 1	Bom	
Idem, fixas	Duas	" encanado		Bom	
Cadeiras com assento de madeira	Doze	" encanado		Bom	
Idem, de braço	Uma	" castiço		Bom	
Idem, com assento imitação couro	Uma	" encanado		Bom	
Stegéres	Quatro	" castiço		Bom	
Estante giratória	Uma	" castiço		Bom	
Relojão de parede (redondo)	Uma	" castiço		Bom	
Escada de abrir	Uma	"		Bom	
Lavatório de ferro, com bacia de louça, balde, jarro e saboneteira de esmalte	Um	Ferro e esmalte		Bom	
Papete	Um			Bom	
Talha de mãos	Uma			Novo	
Escarrador	Um	Bemalite		Bom	
Idem, com pé	Um	Louça e ferro		Bom	
Cestos para papéis	Dois	Verga		Bom	
Bengaleira	Um	Ferro		Bom	
Baféira armar (incompleta)	Uma	Cartão e madeira		Mau	
Quadro com espadas	Um			Bom	

Penafiel e Secretaria da Câmara Municipal, de 1931.

O Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal,

António Augusto de Vasconcelos

Conferi. Penafiel, data supra.

O Secretário,

Francisco de Sá

9. Cadastro dos móveis pertencentes à Biblioteca Municipal em 1931.

CÂMARA MUNICIPAL DE PENAFIEL

Relação dos móveis e utensílios fornecidos pela Câmara Municipal à BIBLIOTECA MUNICIPAL

Designação dos móveis e utensílios	Quantidade	Qualidade do móvel ou utensílio	Dimensões	Estado de conservação	Outras indicações
Quadros de parede	Dez			Bom	
Cabides	Dois	Madeira de pinh.		Bom	
Cinzeiros	Cinco	Vidro		Bom	
Tinteiro de vidro com dois depósitos	Um	"		Bom	
Lâmpadas com abat-jours de vidro	Quatro			Bom	

Penafiel e Secretaria da Câmara Municipal, 1 de Maio de 1931.

O Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal,
(assinatura)

Conferi, Penafiel, data supra.

O encarregado,

(assinatura)

A campanha em prol da Biblioteca recomeçara na imprensa local em 1930, sendo particularmente empenhados os artigos publicados em *O Tempo*⁽⁴⁷⁾. Mas o marasmo permaneceu, como se pode verificar por notícias posteriores: «a qualquer hora do dia que se passe junto do edifício da biblioteca, sempre se vê encerrado. Informaram-nos que só abre às 22 horas!»⁽⁴⁸⁾.

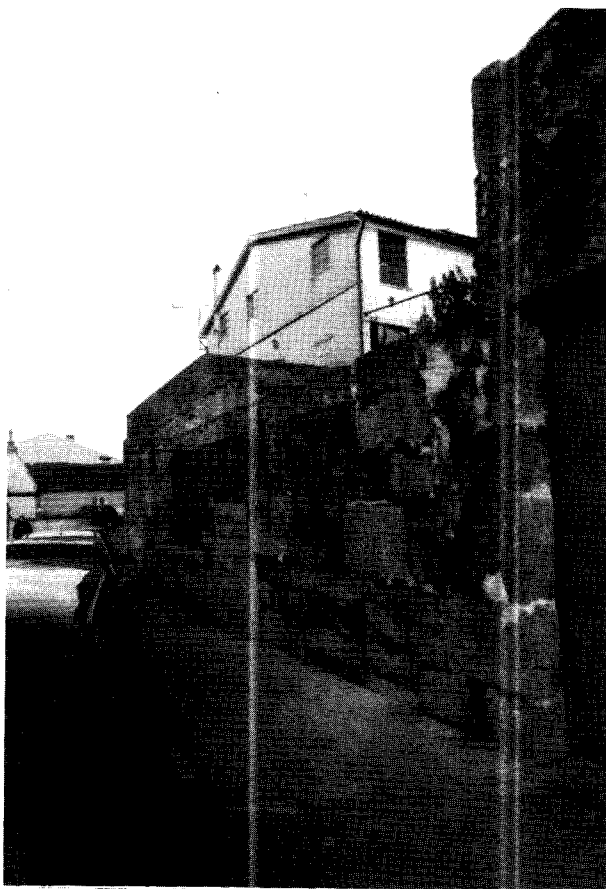
A este curto fôlego insuflado na biblioteca moribunda, da qual nos chegou um cadastro do mobiliário, pálido reflexo do que se passava no país⁽⁴⁹⁾, correspondeu à distância Abílio Miranda, dela afastado por razões políticas, com a publicação de uma nova revista *Pena-Fidelis*, da qual saíram dois números em 1931, com temática local, monográficos⁽⁵⁰⁾.

3. O MUSEU DA ESTRELA

Criado por um particular, Gilberto Dias de Castro, o chamado *Museu da Estrela* estava sediado numa casa térrea da rua do Bom Retiro. Quem se recorda de o frequentar na infância descreve a sua única sala como um gabinete de maravilhas e coisas de espantar onde não faltavam materiais exóticos recolhidos em Africa, incluindo mesmo fetos humanos e répteis conservados em recipientes de vidro. O proprietário, coleccionador curioso e persistente, sentava-se na sua mesa de trabalho junto da janela, à direita da porta, e ia anotando cuidadosamente as dádivas e esclarecendo os visitantes, que não pagavam qualquer quantia fixa mas, por hábito, deixavam donativos em moeda com os quais se mantinha a casa.

Gilberto Dias de Castro já se encontrava depauperado pela doença e numa situação de carência material no início da década de trinta, incapaz de manter o museu, pelo que se alvitra na imprensa que o que restava do espólio fosse adquirido pelo município com destino à Biblioteca-Museu Municipal, em desejada reorganização. Tratava-se de uma «*variedade de objectos antigos, e muito especialmente daquêles referentes à vida concelhia, como também publicações periódicas e sciêntificas, e até autógrafos inéditos, tudo êle reunia no seu Museu com aquêle carinho e tenacidade pouco vulgares*»⁽⁵¹⁾.

Pouco mais sabemos desta instituição, sendo porém provável que algumas peças tenham de facto passado para a posse do município, directamente ou por meio de alguém que nesse momento as tenha adquirido e preservado para o futuro Museu.



10. O Museu da Estrela, na rua do Bom Retiro.

⁽⁴⁷⁾ *O Tempo*. Penafiel, 21 de Agosto; 4 de Setembro; 2, 13 18 e 30 de Outubro e 13 de Novembro de 1931.

⁽⁴⁸⁾ *O Penafidelense*. Penafiel, 19 de Setembro de 1933.

⁽⁴⁹⁾ Estavamos no tempo da legislação sistemática sobre museus da iniciativa de João Couto e também das exposições etnográficas que deram origem a vários museus locais e regionais: GOUVEIA, Henrique Coutinho — Acerca do conceito e evolução dos Museus Regionais portugueses desde finais do século XIX ao regime do Estado Novo. *Bibliotecas Arquivos e Museus* 1 1985, 171-173.

⁽⁵⁰⁾ Abílio Miranda mesmo quando afastado da direcção da Biblioteca nunca deixou a investigação de temas da história penafidense. Era membro da Associação dos Arqueólogos Portugueses e foi em 1930 admitido como sócio da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

⁽⁵¹⁾ *O Tempo*. Penafiel, 22 de Janeiro de 1932.

4. A BIBLIOTECA E O MUSEU SOB A DIRECÇÃO DE ABÍLIO MIRANDA, 1947-1962

A década de quarenta iniciou-se de forma mais favorável para Abílio Miranda que viu o seu empenhamento em prol da cultura reconhecido superiormente através da indigitação para *delegado da 2ª sub-secção da 6ª secção da Junta Nacional da Educação* no concelho de Penafiel⁽⁵²⁾, cargo que manteve na década seguinte.

As comemorações dos centenários haviam tocado todo o país e animado o interesse pela história e etnografia locais. A malha de delegados criada pela Junta cobria o território nacional no qual as Juntas de Província e os seus museus surgiram como patamar intermédio e descentralizado⁽⁵³⁾. Também a este nível Abílio Miranda foi reconhecido como interlocutor, tornando-se membro da *Comissão Etnográfica e Histórica e do Núcleo Organizador do Museu de Etnografia e História do Douro Litoral*, a abrir na cidade do Porto⁽⁵⁴⁾ e colaborador assíduo das duas primeiras séries do respectivo Boletim.

O exemplo do Museu de Etnografia acabou por ser de imediato seguido nos concelhos do distrito e mesmo no Norte⁽⁵⁵⁾, reanimando-se alguns núcleos museológicos já criados e surgindo outros⁽⁵⁶⁾. Uma intensa actividade editorial acompanhou este movimento.

Talvez porque os ventos corressem de feição e também porque o prestígio de Abílio Miranda fora reconhecido fora de portas a Câmara de Penafiel decide em 1947 encarregá-lo novamente de reorganizar a Biblioteca e de pensar num Museu ao mesmo tempo que secretariava a Comissão Municipal de Cultura⁽⁵⁷⁾.

As instalações seriam agora o andar inferior do palacete do barão do Calvário, edifício construído por Manuel Pereira da Silva em 1853⁽⁵⁸⁾, um *brasileiro* regressado com assinalável fortuna que por casamento se fixa na cidade, integrando a sua vida social e política⁽⁵⁹⁾. Esta casa faceava a rua Formosa e prolongava-se na quinta que descia até ao Cavalum. De traça erudita, em forma de U com pátio central térreo e andar nobre a esse nível. Nas traseiras ficavam, no andar inferior, as dependências ligadas à exploração rural.

É este espaço que no início da Ditadura Nacional a Câmara adquire para instalar o tribunal, casas dos magistrados, repartições públicas e cadeia. Na altura abriram-se as duas ruas que ladeiam o edifício e formou-se na primeira plataforma da quinta a nova praça da República⁽⁶⁰⁾. Desta obra interessa-nos sobretudo reter a instalação da cadeia pois será por nova transferência desta para edifício próprio, inaugurado em Dezembro de 1946⁽⁶¹⁾ que ficará vago o espaço que permitiu «*adaptar a antiga casa do carcereiro a biblioteca e museu municipal*»⁽⁶²⁾.

Esta reabriu ao público a 7 de Julho de 1947⁽⁶³⁾, servindo também de sede à Comissão Municipal de Cultura,

⁽⁵²⁾ MMPNF — Alvará de 30 de Junho de 1941.

⁽⁵³⁾ GOUVEIA, Henrique Coutinho — Acerca do conceito e evolução dos Museus Regionais portugueses desde finais do século XIX ao regime do Estado Novo. *Bibliotecas Arquivos e Museus* 1 1985, 174 e segs.

⁽⁵⁴⁾ LIMA, Augusto César Pires de — O Museu de Etnografia e História da Província do Douro-Litoral *Douro-Litoral* 2ª série, 4 1946, 3-8.

⁽⁵⁵⁾ DIAS, Jorge — *Bosquejo histórico da etnografia portuguesa*. Coimbra 1952, 44 e segs.

⁽⁵⁶⁾ AZEVEDO, Agostinho de — Novo Museu Etnográfico. *Douro-Litoral*, 1ª série, 6 1943, 73. Em 1946 é instituída a Biblioteca - Museu de Amarante, o Museu Etnográfico Agrícola de Vila do Conde foi inaugurado em Setembro de 1947, o Museu de Sanfins (Paços de Ferreira) em Outubro de 1947, o Marco de Canaveses inicia o processo do seu museu em 1952, Santo Tirso reformula a colecção Abade Pedrosa por essa mesma data.

⁽⁵⁷⁾ AMPNF — A 52: Livro de registo das actas da Câmara: 1947, Março, 29 e Abril, 25.

⁽⁵⁸⁾ AMPNF — A 24, Livro de registo das actas da Câmara: 1853, Janeiro, 12.

⁽⁵⁹⁾ Nesta residência, por ser a mais moderna e melhor da cidade, se hospedou o rei D. Luís quando em 1872 passou em Penafiel: AMPNF — A 29, Livro de registo das actas da Câmara: 1872, Junho, 27 e SOUSA, António Gomes de — *D. Luís em Penafiel*. Penafiel 1972. Na sequência desta estadia real o dono da casa viria a receber poucos meses mais tarde o título de Barão do Calvário, em sua vida, mercê pela qual pagou 600 mil reis: AMPNF — A 112, Livro de registo geral: 1872, Novembro, 9.

⁽⁶⁰⁾ *Relatório da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Penafiel na gerência de 1929-1930*. Penafiel 1931, 33 e segs.

Relatório da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Penafiel. Gerência de 1931-1932. Penafiel, 1933, 73 e segs.

⁽⁶¹⁾ *O Penafidelense*. Penafiel, 17 de Dezembro de 1946.

⁽⁶²⁾ AMPNF — A 52, Livro de registo das actas da Câmara: 1947, Abril, 12.

⁽⁶³⁾ MMPNF — [Auto de inauguração oficial e solene das novas instalações da Biblioteca Pública da Câmara Municipal de Penafiel]: 1947, Julho, 7.

MIRANDA, Abílio — Terceira vez.... *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura* 1 1947, 3.



O Ex.mo Sr.

ABÍLIO DE MIRANDA, membro da Comissão de Etnografia e História e do Núcleo Organizador do Museu

foi encarregado por esta Junta de Província de, em missão de estudo ao serviço da Comissão de que é digno membro, percorrer os concelhos do Douro Litoral para a recolha de elementos de estudo de carácter arqueológico, histórico, etnográfico e artístico desta Província,

para o que se lhe passa esta credencial, por nós devidamente assinada sob o selo branco da Junta de Província, que a autentica, e pela qual se recomenda o mesmo senhor ás autoridades civis, militares e eclesiásticas, afim de lhe serem prestadas as possíveis facilidades para o melhor desempenho do seu cargo cultural.

O Presidente da Junta de Província,

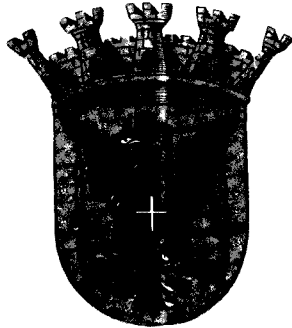
Almeida Garrett
a) Dr. Almeida Garrett

O Presidente da Comissão de Etnografia e História,

Augusto Cesar Pires de Lima

a) Dr. Augusto Cesar Pires de Lima

na qual poderemos encontrar importantes personagens ligados ao Museu de Etnografia e História do Douro Litoral⁽⁶⁴⁾. Do livro de Actas⁽⁶⁵⁾ das reuniões desta Comissão e dos relatórios⁽⁶⁶⁾ publicados no seu órgão oficial, o *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, do qual conhecemos seis números datados de 1947 a 1951, se pode deduzir o intenso labor desenvolvido por Abílio Miranda, apenas ajudado por um auxiliar remunerado. O Museu fazia-se já presente e para ele este primeiro director comprava anualmente peças⁽⁶⁷⁾.



Acto de inauguração oficial e solene das novas instalações da Biblioteca Pública da Câmara Municipal de Penafiel.

Dos sete dias do mes de Julho do anno de mil novecentos e quarenta e sete, nesta cidade de Penafiel, foram inaugurados oficialmente, com solenidade, as novas instalações da Biblioteca Pública da Câmara Municipal de Penafiel estando presentes os Excelentísimos Senhores Ministro do Interior, Governador Civil do Porto, Presidente do Município e outras entidades civis e militares, que são assinar este auto

Para constar eu, Abílio Pinto Soares de Miranda, secretário da Comissão de Cultura Municipal lavrei este auto.

Abílio Pinto Soares de Miranda
 Secretário da Comissão de Cultura Municipal

Ministro do Interior
Gov. civil do Porto
Presidente do Município
Senhor Governador Civil do Porto

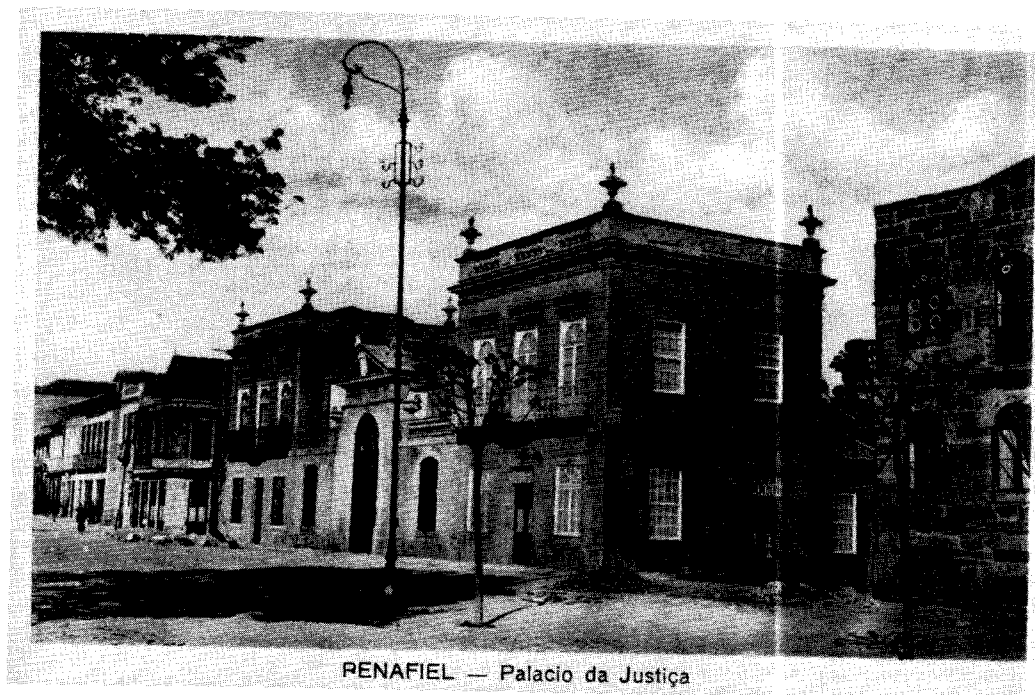
12. Acta da inauguração das novas instalações da Biblioteca Municipal de Penafiel de 7 de Julho de 1947.

⁽⁶⁴⁾ O comum programa! *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura* 1 1947, 15-16.

⁽⁶⁵⁾ MMPNF — Lv. 1, Actas da Comissão Municipal de Cultura.

⁽⁶⁶⁾ *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*. 3 1948, 17-19; *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura* 4 1949, 19-20; *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura* 5 1951, 23.

⁽⁶⁷⁾ Os orçamentos da Comissão e Biblioteca-Museu variaram entre os menos de 2 000\$00 anuais atribuídos em 1947 e os quase 4000\$00 obtidos em 1954.



13. Palacete do Barão do Calvário, em cima ainda como moradia, em baixo depois de já adaptado pela Câmara Municipal.



CÂMARA MUNICIPAL DE PENAFIEL

PENAFIEL

BOLETIM
DA
COMISSÃO MUNICIPAL DE CULTURA

I



PENAFIEL
1 9 4 7

4.1. O MUSEU MUNICIPAL *SOBRAL MENDES*

Em sessão de Câmara de 17 de Abril de 1948 é criado, junto da Biblioteca Municipal, o Museu de Arte, Arqueologia e Etnografia porque se considerou «*de necessária utilidade a existencia junto da Biblioteca, de um Museu de arte, arqueologia e etnografia, onde se guardem e classifiquem objectos de interesse artistico, arqueologico e tradicional concelhios*»⁽⁶⁸⁾, para o qual foram restauradas mais três salas contíguas. A Comissão de Cultura decidira já no ano anterior, em reunião de 7 de Maio, pedir aos particulares *objectos antigos* para o museu em organização. Esta recolha estendeu-a Abílio Miranda ao próprio património da Câmara, objectos de secretaria, indumentárias, etc, e mesma à magnífica colcha de seda bordada a ouro que o município destinava, em dias de festa, a ser pendurada da varanda da frontaria da Casa da Câmara (reunião de 30 de Agosto de 1947).

No ano de 1949 o jovem Museu recebe o nome de “Sobral Mendes”, homenagem sem dúvida apoiada por Abílio Miranda que merecera deste presidente da Câmara uma atenção e incentivo de que nunca fora alvo antes, bem pelo contrário. É neste ambiente de confiança na solidez da instituição que a ela acabará por doar a sua colecção particular, com a seguinte declaração: «*Desde bastante novo que trabalho para a organização de um Museu de Etnografia e História, que, estabelecido aqui, na cidade, ficará sendo o repositório de valores a testemunhar, de maneira inequívoca, o nobre e venerando passado de toda a terra de Penafiel. Para tal fim, fui arrecadando em minha casa variadas achegas, algumas de grande valor arqueológico.*

Perdida a esperança da criação do museu penafidense, principiava a inquietar-me a ideia de que a minha morte iria aniquilar tão apreciável património histórico, o que constituiria uma falta grave para o engrandecimento tradicional da terra que guardou como extremosa Mãe no seu seio, durante milénios e séculos, tão valiosos elementos da sua vida de nobre antanho.

Lista dos objectos depositados com o respectivo número de ordem no museu acima aludido

Fotografia do antigo «Mosteiro de Paço de Sousa»	1842
Um anel de fibula, romano	1883
Folheto do «Privilégio concedido aos Boticários de Portugal» (D. Afonso III)	1905
Um exemplar da Pharmacopeia Tubalense Chimico—Galenica	1906
Um anel de bronze com duas caras gravadas (romano)	1907
Um anel de azeviche (romano)	1908
Um estilo de bronze, (romano)	1911
Uma estatueta romana, de bronze, de «Deus Marte»	1913
Dois cestos de ferro (fachos)	1947
Uma lucerna romana de barro	1966
Fragmento de vidro de um vaso (romano)	1967
Nove vasos romanos de diversos formatos e tamanhos	1978
Um fragmento de vaso romano	1979
Um vaso de barro	1980
Cinco vasos de barro (romano)	1981
Um fragmento de ampula (romano)	1983

15. Listagem do espólio depositado por Abílio Miranda no Museu de Etnografia e História do Douro Litoral.

⁽⁶⁸⁾ AMPNF — A 52, Livro de registo das actas da Câmara: 1948, Abril, 17.

CUNHA, Maria de Fátima Vila Pouca dos Santos e — Notas históricas sobre a Biblioteca Municipal de Penafiel. *Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel* 2ª série, 4/5 1966/67, 29.

Duas ampulas de barro (romano)	1982	Mó manual procedente de Novelas-Penafiel	2694
Um tinteiro de terra sigilata (romano)	1984	Alfinete de bronze romano, procedente da Cidade Morta	2398
Um prato de terra sigilata (romano)	1985	Anel de fíbula, romano, procedente da Cidade Morta	2399
Duas olas de barro—uma grande com asas e a pequena com uma asa (romanas)	1987	Fíbula incompleta, em bronze romana, procedente da Cidade Morta-Penafiel	2700
Um prato de barro (romano)	1988	Azulejo Hispano, Árabe, procedente de Santa Marta—Penafiel	2392
Fragmento de prato, romano (terra sigilata)	2076	Peso de pedra, romano, procedente da freguesia de Croca—Penafiel	2907
Uma ampula (romana)	2077	Peso de pedra romano, procedente da freguesia de Croca—Penafiel	2908
Uma ampula	2078	Peso de pedra, ornamentado com diversos motivos decorativos e uma Cruz	2976
Duas regras de S. Bento, encadernadas em carneira, metidas numa saca de chita	2080	Fíbula romana? Procedente de Penafiel (estátua partida)	2930
Carta de cirurgia em pergaminho, passada a Teodoro Gonçalves, do lugar da Matança, freguesia de Mugueia, Comarca de Lamego—1791	2088	Marco de pedra com cruz e outros sinais, procedente de Penafiel.	3065
Peso de tear procedente do «Monte Mòzinho», Penafiel (romano)	2198	Um prato de barro partido e mais três fragmentos (romano)	1989
Peso de tear, de barro, procedente do «Monte Mòzinho»	2199	Um prato de barro partido e mais dois fragmentos (romanos)	1990
Peso de tear de barro procedente do «Monte Mòzinho» (romano)	2200	Um prato de barro, colado no rebordo	1991
Lucerna romana com legenda, procedente do «Monte Mòzinho»	2201	Um prato de barro incompleto	1992
Redução de peça de olaria romana, procedente do «Monte Mòzinho»	2202	Dois pratos de barro colados, um partido em 2 bocados e o outro 1 (romano)	1993
Pedra trabalhada (arte castreja) procedente do «Monte Mòzinho»	2203	Um prato de barro de irregular concavidade (Partido) (romano)	1994
Pedra trabalhada (arte castreja) procedente do «Monte Mòzinho»	2204	Dois pratos de barro iguais (romano)	1995
Pedra de Gonzo trabalhada (arte castreja) procedente do «Monte Mòzinho»	2205	Um vaso romano de barro, (mutilado)	2060
Frasco de vidro romano, (mutilado) procedente do «Monte Mòzinho»	2252	» » campaniforme	2061
Um almofariz de farmácia, de marfim, sem pisão	2262	» » de barro, pintado de negro, (tipo etrusco) mutilado	2062
Um batente (aldraba) representando um cão	2411	Uma ampula com grafito (romano)	2063
Padieira castreja, procedente de Mesão-Frio «Monte Mòzinho»-Penafiel	2521	Uma ampula (romana)	2064
Pedra com decoração castreja, procedente do «Monte Mòzinho»-Penafiel	2522	Um vaso de barro negro com asa (romano)	2065
Padieira de Janela castreja, procedente do «Monte Mòzinho»-Penafiel	2523	Uma ampula (romana)	2066
Pedra com decoração castreja, procedente do «Monte Mòzinho»-Penafiel	2531	Um vaso romano de barro canelado, (Mutilado)	2067
Amforeta de barro, procedente da Necrópole de Mesão Frio «Monte Mòzinho»	2672	Uma ampula, (Mutilada) (romana)	2068
		Um vaso de barro (Mutilado), (romano)	2069
		Uma ampula (romana)	2070
		Fragmento de prato (romano)	2071
		Um prato de barro (romano)	2072
		Fragmento de prato (romano)	2073

Convidado a fazer parte da Comissão organizadora do museu Provincial de Etnografia e História, aí depusitei todos os objectos que possuía e alguns mais, que, nessa ocasião, consegui obter, objectos que foram conseguidos com a máxima honestidade.

Agora, como o Exmo Senhor Presidente da Câmara deu início ao museu referido, por sua proposta, em sessão camarária de 17 de Abril de 1949 (sic) é com grande jubilo para a minha alma de Penafidense que ofereço ao município todos os objectos depositados em meu nome, no Museu Provincial de Etnografia e História, com sede no Porto.

Ponho, porém, a condição destes objectos só regressarem a Penafiel, quando deixar de ser director efectivo do aludido museu da Provincia o Exmo Senhor dr. Augusto César Pires de Lima, porque desejo, assim, prestar homenagem de respeito ao inteligente esforço deste querido amigo e companheiro de trabalho no arroteamento da história da Sagrada Vinha Pátria!»⁽⁶⁹⁾.

Pela lista de objectos referida nesta declaração, que anexamos, se pode avaliar o tipo de coleccionador que foi Abílio Miranda, sempre pronto a comprar antiguidades a que outros davam pouco valor, a pedir-las quando os seus proprietários eram abastados ou mesmo a trocá-las por remédios ao balcão da sua farmácia à qual acorria gente de todo o concelho, que sabendo dos seus interesses também muitas vezes desta forma lhe vinha agradecer o socorro oportuno e desinteressado.

No final de 1954 Abílio Miranda manifesta a intenção de retirar do Museu de Etnografia e História o depósito feito em seu nome, convencido como estava que Augusto César Pires de Lima deixara a direcção do mesmo. Uma troca de correspondência entre ambos esclareceu a situação, ficando os materiais no Porto até 1959⁽⁷⁰⁾.

Reconstituímos a planta do Museu dos anos cinquenta, em que o espólio museológico cohabitava com documentos do Arquivo Municipal e com fundos bibliográficos. Uma reportagem fotográfica desta época (1956?) dá-nos bem a imagem das colecções e da forma como estavam expostas. Por uma questão de descrição numeramos na planta as salas e corredores, deixando apenas de lado o espaço central da biblioteca, à direita da entrada, que, como veremos, também guardava objectos do Museu.

Logo à entrada, uma vez transposto o portão exterior, em espaço gradeado, expunham-se as *pedras*, uma espécie de secção lapidar que englobava testemunhos de todas as épocas históricas, desde os oriundos de Monte Mozinho aos fragmentos de decoração das igrejas românicas, marcos de couto modernos, um relógio de Sol e também pedras decoradas das habitações setecentistas da cidade entretanto a ser demolidas. Sem ordem cronológica, nem legendagem, nem qualquer mobiliário, as *pedras* simplesmente encostavam-se à parede.

No hall de entrada continuavam-se a expor lápides, com especial destaque para a ara da Ermida, sobre a qual se apoiara uma pedra de armas. Algumas armas artisticamente dispostas e o *ex libris* da Biblioteca, em tamanho grande, completavam a decoração.

Da sala da Biblioteca ficaram-nos poucas imagens. Nela existia a montra da numismática, armada em redor do pilar central, com conjunto de numária também de cronologia dilatada, ordenados sob etiquetas identificativas, como a conhecemos até à transferência do Museu. Na parede à esquerda da porta que dava para o corredor via-se outra panóplia.

O aposento nobre do Museu, a que chamaremos sala 1, mostrava uma das suas paredes completamente coberta pela colcha municipal, peça de grandes dimensões, em seda bordada a ouro, representando a árvore da vida. Diante dela uma antiga mesa e sobre esta os pergaminhos que atestam os momentos cruciais da vida penafidense, a elevação de Arrifana a vila, a elevação desta a cidade com o nome de Penafiel e a documentação produzida pelo seu único bispo. Ao centro da sala, também em vitrine em torno do pilar, mostravam-se alguns desenhos à pena, exemplares de papel moeda, espólio cerâmico de Monte

⁽⁶⁹⁾ MIRANDA, Abílio — *Uma acta*. Penafiel 1952.

⁽⁷⁰⁾ *O Penafidense*. Penafiel, 9 de Junho de 1959.

Mozinho, etc. Junto da porta que dá para o corredor, à direita, uma imagem da Senhora da Paz pousada num capitel e, na parede, o pavilhão que serviu aquando da visita do rei D. Luís à cidade.

Da sala 2, antiga cela para os presos mais perigosos, sem aberturas para o exterior e com uma forte porta, pouco sabemos. Atribuímos-lhe as fotografias em que se vêem pinturas a óleo, uma colecção de pratos pintados, fotografias dos grupos escolares do Colégio do Carmo e as das estantes carregadas de documentação em que se arranja a custo espaço para a cerâmica comum romana oriunda de necrópoles do concelho e para a estatueta do Deus Marte.

O corredor ou sala 3 é quase uma incógnita. Entrevemos no último plano das fotografias das salas, através das portas abertas, as montras em que se expunham as taças e demais espólio reunido depois da fusão dos clubes desportivos da cidade. Certamente este corredor guardaria muitas outras peças, nomeadamente os grandes retratos depositados pela família do Barão do Calvário e as montras com objectos relativos às indústrias tradicionais do concelho.

Na sala 4, outro corredor, conviviam a figura de S. Jorge e outros atavios utilizados na festa do Corpo de Deus, com paramentos, caixas de esmolas, ex votos e imagens religiosas, a colecção de trabalhos em ferro tão característicos de Penafiel e ainda mais uma estante com cerâmica comum romana.

A última sala, a 5, com acesso a partir do exterior, não tinha menor amálgama já que as suas paredes se viam cobertas com os telizes destinados à procissão do Corpo de Deus, enquanto que, um pouco dispersos, pendiam também da parede fotografias e outros documentos, uma albarda e uma candeia, etc. Sobre o armário da documentação estava uma miniatura de rabelo, dois candieiros em latão, um filtro..... A ara de Marecos e um desenho do brasão da cidade, sobrepujados por um relógio, ficavam mesmo diante da porta. Esta sala dava acesso ao Gabinete do Director, passando pela casa de banho.

Sem funcionários permanentes e vivendo do altruísmo do director, a Biblioteca e Museu abriam habitualmente apenas ao fim da tarde, por uma ou duas horas, servindo neles um funcionário municipal que por este trabalho acrescentava muito pouco ao seu salário.

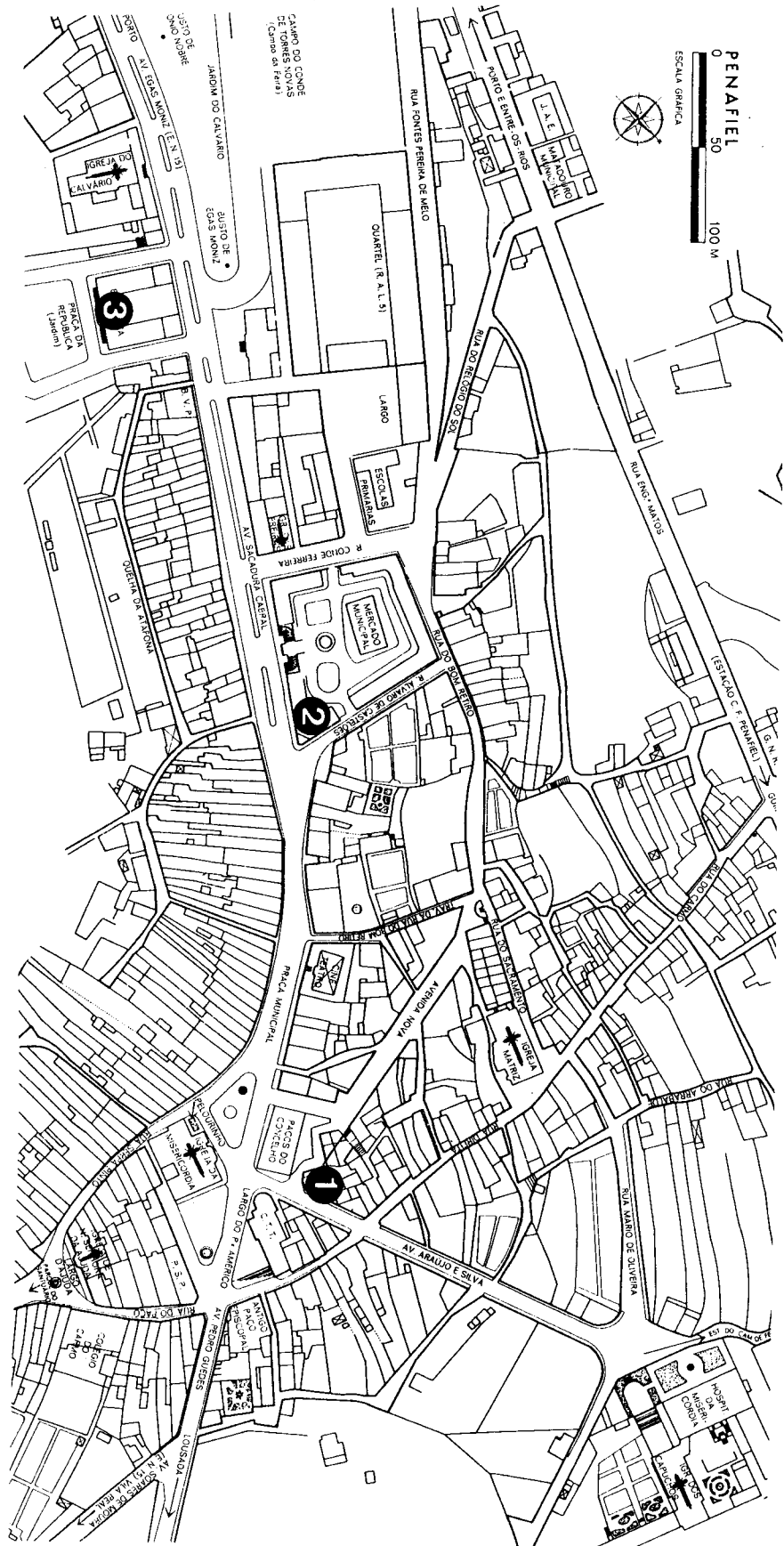
Um museu rico mas algo caótico, mais parecendo um *gabinete de antiguidades* seria o de Penafiel até ao início da década de sessenta. Um imenso cuidado em preservar as mais variadas peças, embora sem um programa de aquisições claro e sem existência de registo, esteve na origem deste Museu Municipal. A mesma falta de sistematização caracteriza a obra escrita do seu mentor, curioso de tudo o que dissesse respeito à terra penafidelense, mas sem tempo para sínteses abrangentes.

A persistente e tenaz luta em prol da cultura a que votou a existência acabou por ser frutuosa, como ainda em vida reconheceram os seus conterrâneos, homenageando-o com um voto de louvor e dedicando-lhe uma sala do Museu (sala 5)⁽⁷¹⁾, no dia 17 de Junho de 1961. Um ano volvido, a 31 de Maio de 1962, Abílio Miranda morria, aos sessenta e oito anos, fechando mais uma etapa na vida da Biblioteca e Museu de Penafiel⁽⁷²⁾.

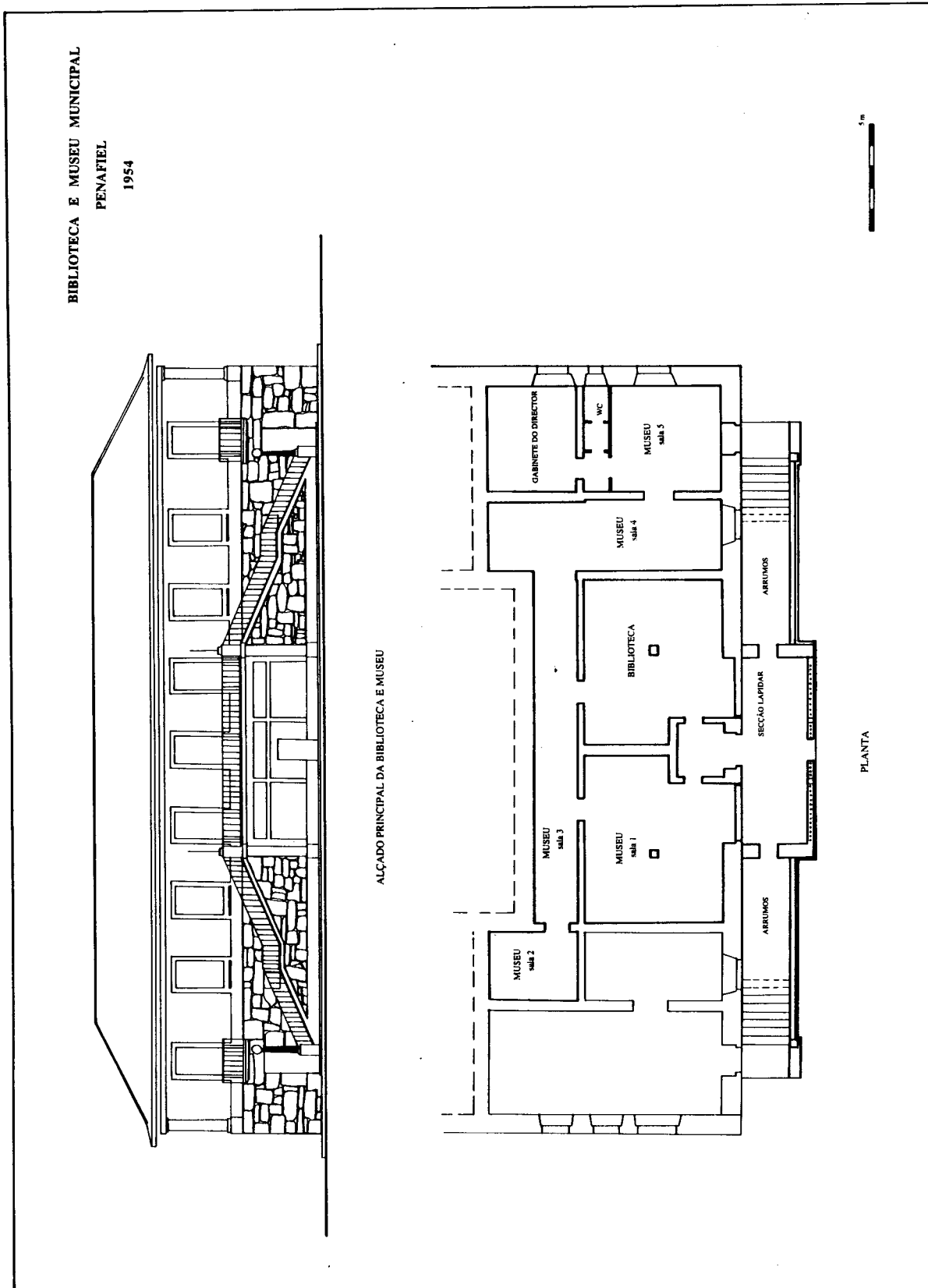
⁽⁷¹⁾ *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 24 e 31 de Março e 16 e 23 de Junho de 1961.

⁽⁷²⁾ *O Penafidelense*. Penafiel, 5 de Junho de 1962.

Notícias de Penafiel. Penafiel, 8 de Junho de 1962.



16. Planta de Penafiel com a indicação das sucessivas instalações da Biblioteca e Museu. 1. Biblioteca Municipal em 1917; 2. Biblioteca Municipal no final dos anos vinte; 3. Biblioteca e Museu Municipal, de 1947 a 1990.



17. Planta e alçado da Biblioteca e Museu Municipal, em 1954.



© Foto Antony

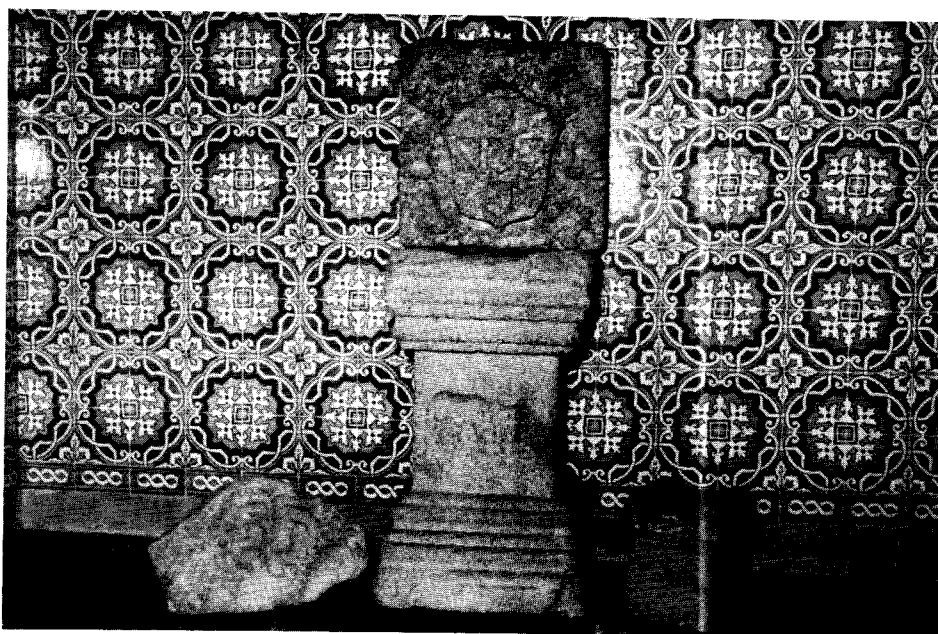
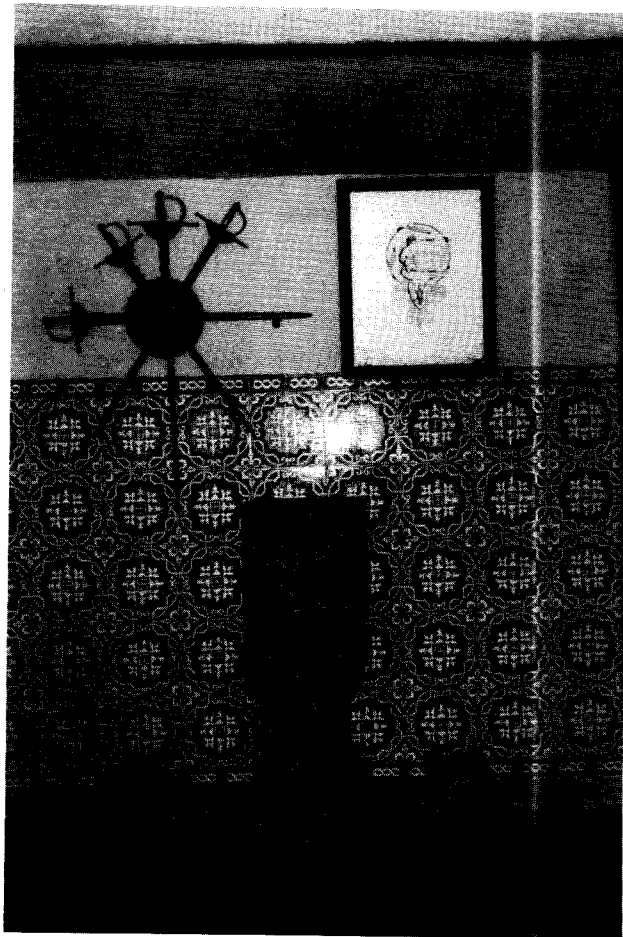


18. Museu: secção lapidar, à direita da entrada, em 1956.



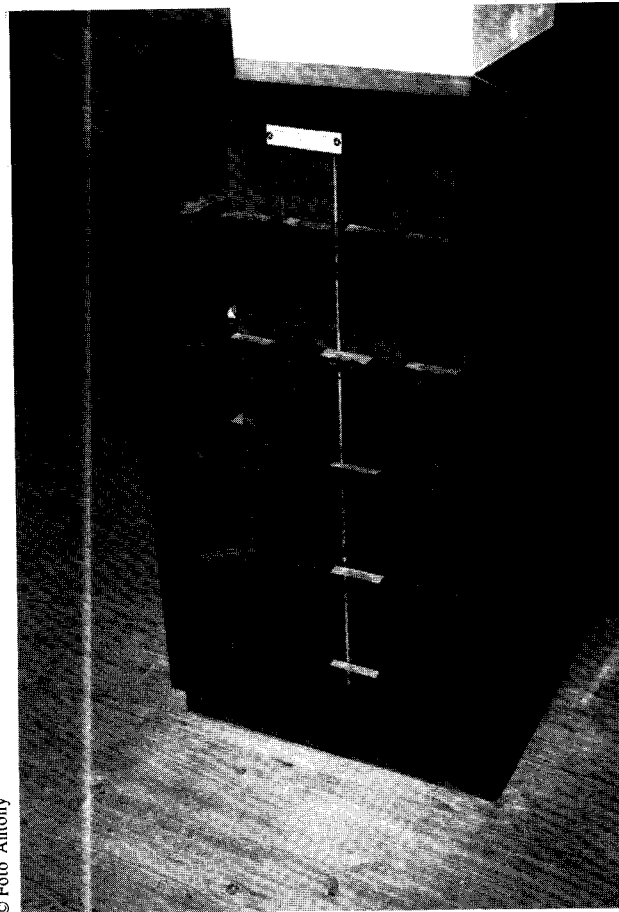
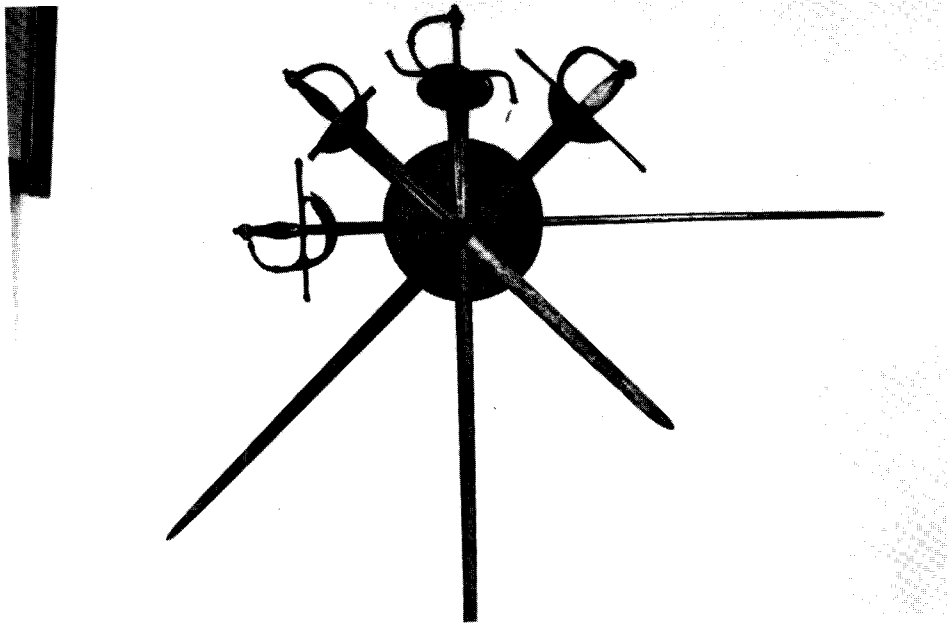
© Foto. Antony

19. Museu: secção lapidar, à esquerda da entrada, em 1956.



© Foto Antony

20. Museu: hall de entrada, em 1956.



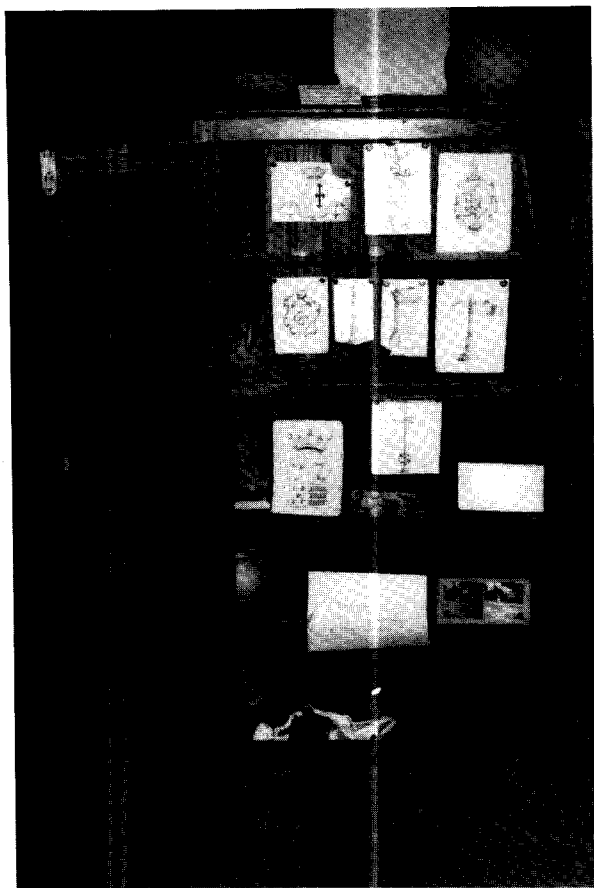
© Foto Antony

21. Sala da Biblioteca, em 1956.



© Foto Antony

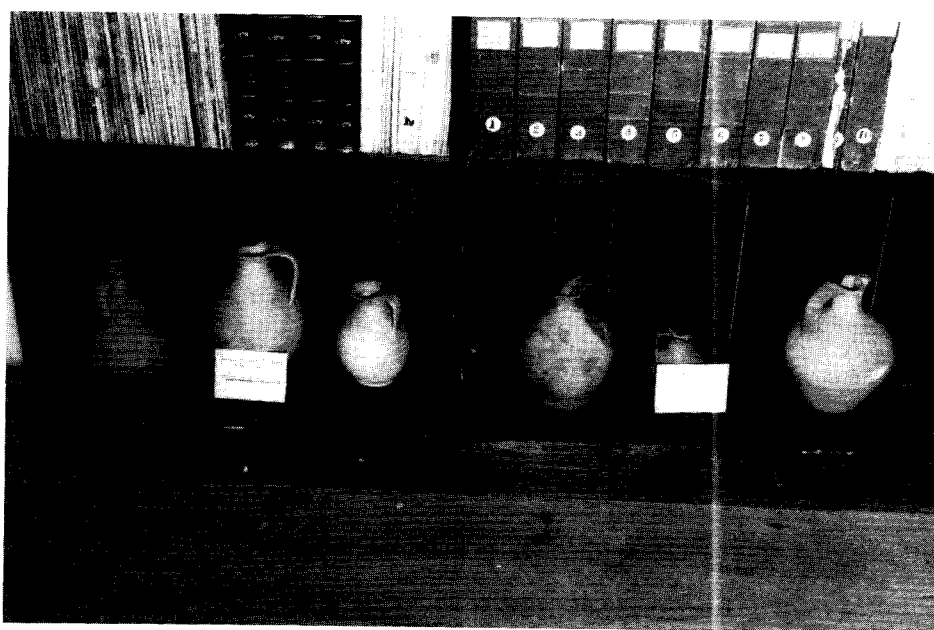
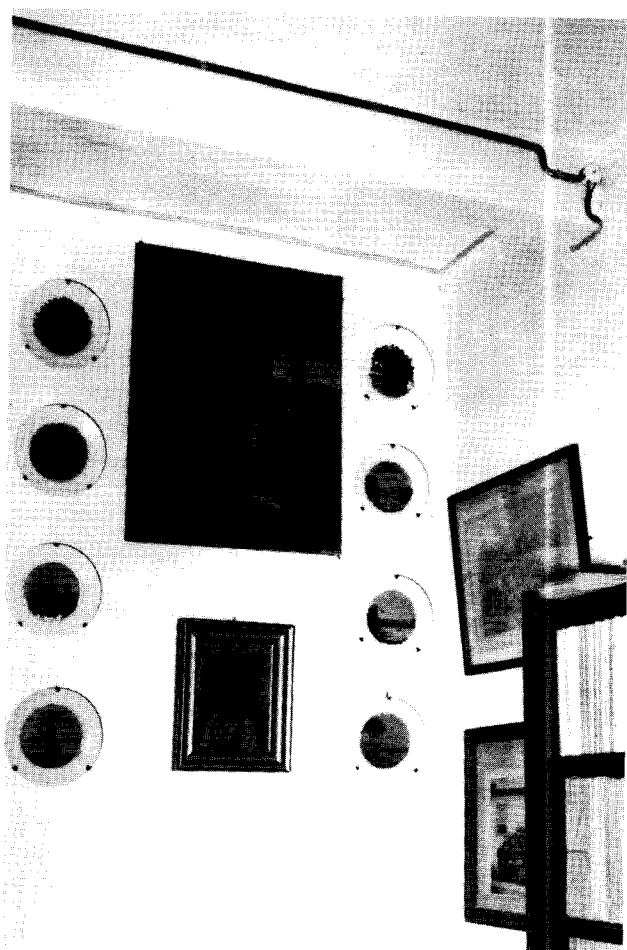
22. Museu: sala 1, em 1956.



© Foto Antony



23. Museu: sala 1, pormenores.



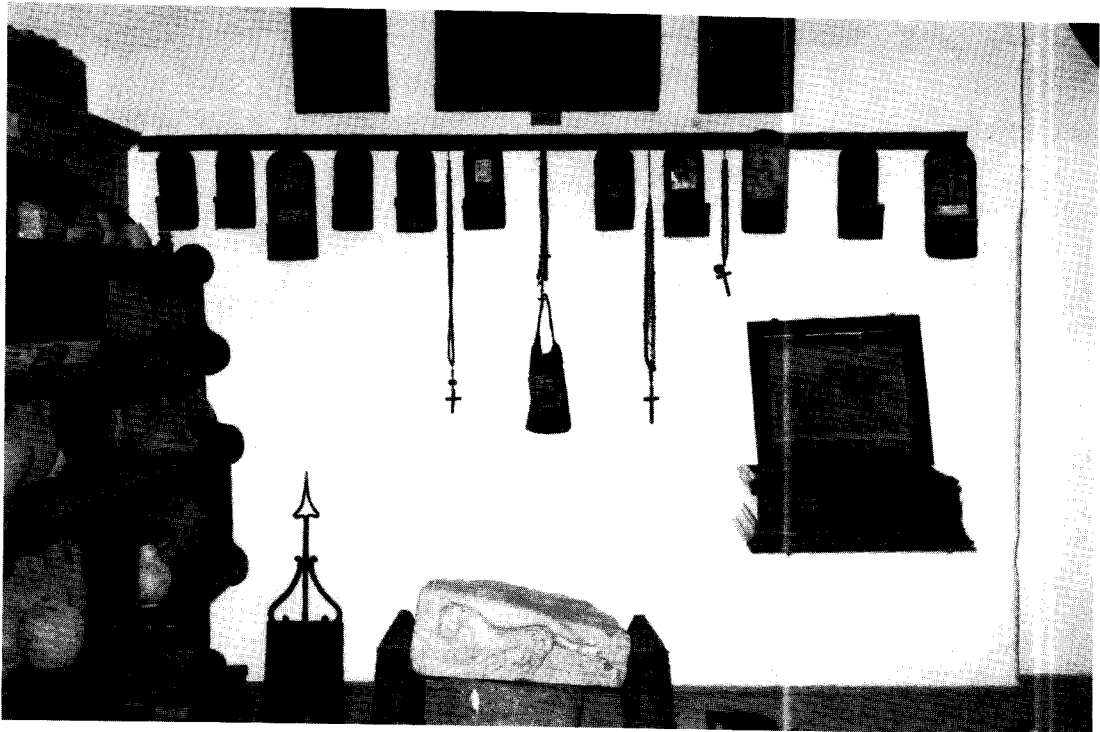
© Foto Antony

24. Museu: sala 2, em 1956.



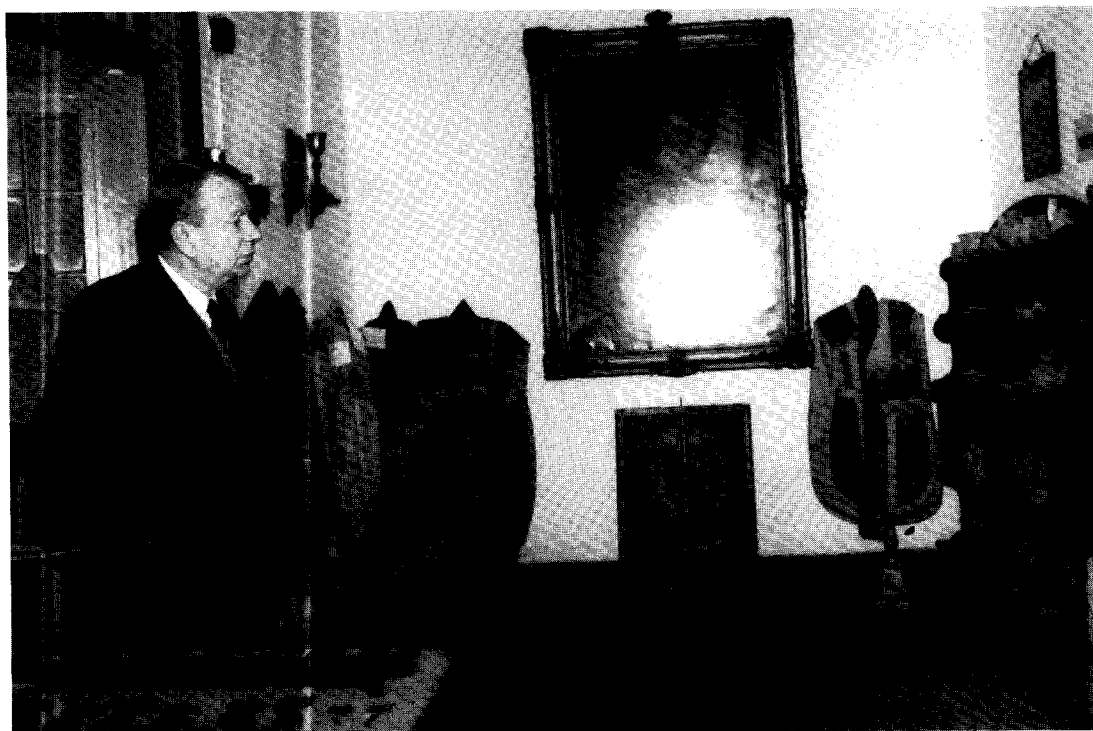
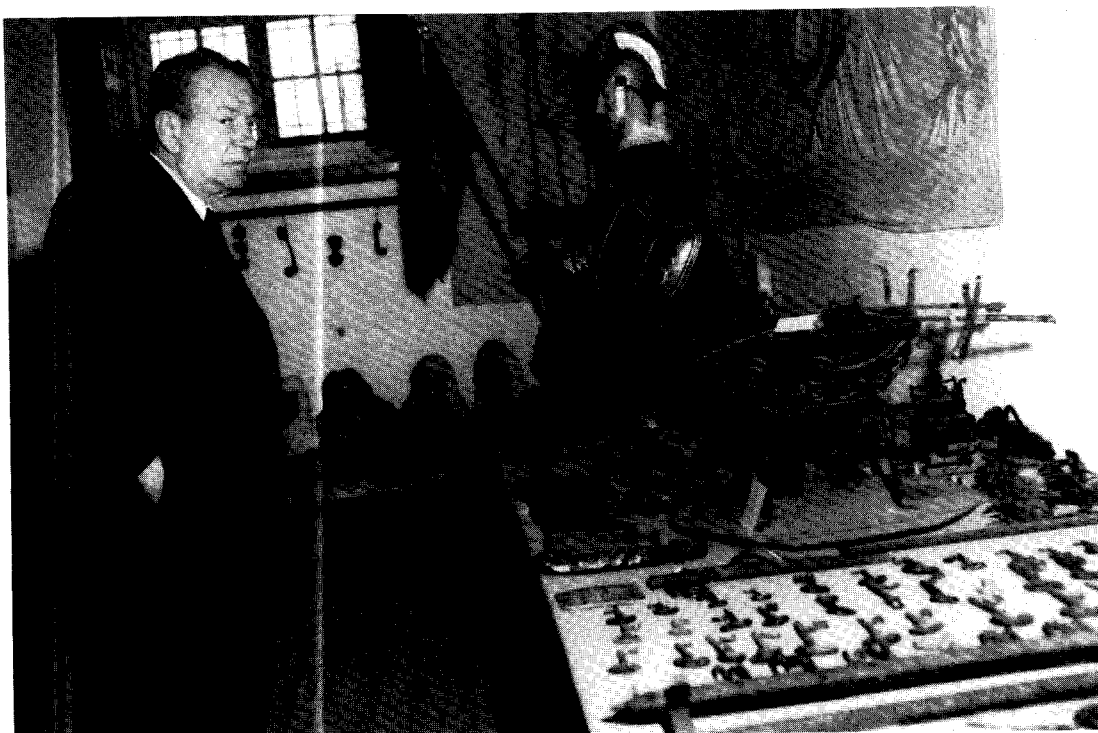
© Foto Antony

25. Museu: sala 4, em 1956.



© Foto Antony

26. Museu: sala 4, pormenores.



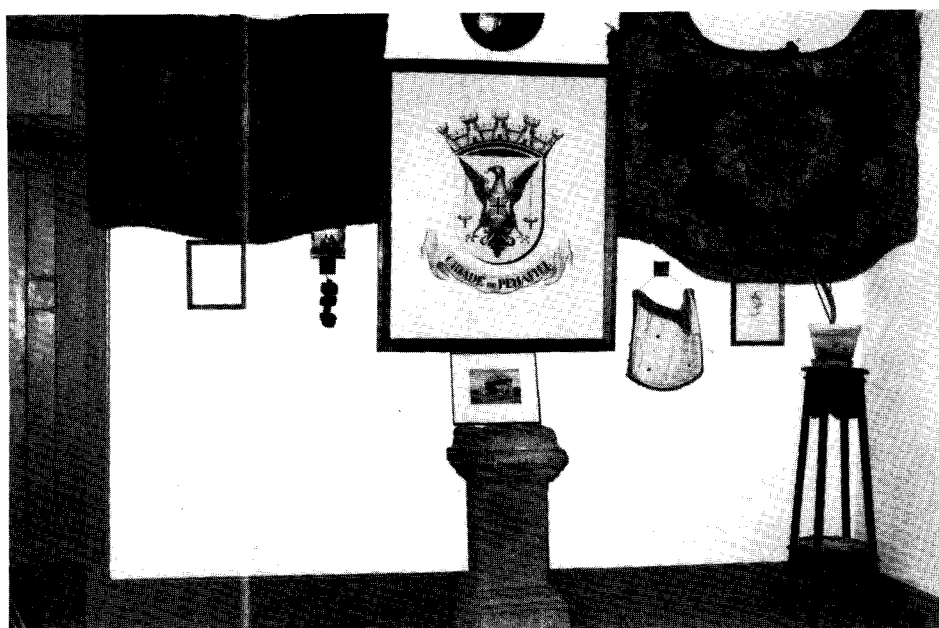
© Foto Antony

27. Abílio Miranda numa das salas do seu Museu.



© Foto Antony

28. Museu: sala 5, em 1956.



© Foto Antony

29. Museu: sala 5, pormenores.



© Foto Antony

30. Homenagem a Abílio Miranda, em 1961.

5. A BIBLIOTECA E O MUSEU DE 1962 A 1974

Morto Abílio Miranda de imediato se colocou a questão da sucessão à frente da Biblioteca-Museu, algo decadente pela falta de meios⁽⁷³⁾. É então reactivada a Comissão Municipal de Cultura, da qual não tínhamos actas desde Agosto de 1954, colocando-se agora à frente da mesma o vereador do Pelouro da Cultura José Joaquim Mendes, professor primário e colaborador de A. Miranda⁽⁷⁴⁾.

Na direcção da Biblioteca e Museu viria a ficar o dr. Angelo Pimentel⁽⁷⁵⁾. A primeira reunião da nova Comissão aconteceu a 27 de Setembro de 1962⁽⁷⁶⁾. Como ponto importante da sua luta em favor do património debruçaram-se ainda neste ano sobre a necessidade de preservar o urbanismo da área antiga da cidade criando para as obras neste espaço um regulamento apertado⁽⁷⁷⁾. Aliás o entrosamento entre a Comissão, a Biblioteca-Museu e o cargo de delegado concelhio da 2ª subsecção da 6ª secção da Junta Nacional de Educação ficava garantido pela entrega deste último cargo ao director da segunda instituição. A visita oficial que o Dr Carlos de Soveral, Subsecretário de Estado da Educação, no final de Outubro de 1962, fez à Biblioteca-Museu confirmou os novos quadros directivos. A publicação de uma nova série da revista *Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel*, iniciada em 1963 deu voz à actividade cultural desenvolvida nesta casa.

Uma nova circunstância obrigaria porém a modificar o Museu, limitando ainda mais o seu escasso espaço. Trata-se do desejo de dotar Penafiel de uma Biblioteca Fixa Gulbenkian, já ventilado pela imprensa em 1962⁽⁷⁸⁾, e que veio a concretizar-se a 17 de Outubro de 1963⁽⁷⁹⁾. Para a instalar foi parcialmente esvaziada uma sala do Museu, a dedicada a Abílio Miranda. Em 1971 seria ainda reduzido e modificado o corredor contíguo para alargar esta sala, agora mobilada de novo a fim de servir a leitura presencial. O Gabinete do Director necessitou de uma entrada diferente, feita a partir do corredor. Em resumo e como se vê na nova planta, dois compartimentos do Museu foram sucessivamente quase anulados e o espólio neles exposto colocado nas outras salas, sobrecarregando-as ainda mais.



31. Visita do Subsecretário de Estado da Educação a Penafiel, 1962.

Os anseios voltavam-se agora para uma desejada e prometida transferência do tribunal e serviços anexos para um novo edifício, de forma a deixar vago todo o palacete do Barão do Calvário, a ocupar

⁽⁷³⁾ *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 2 e 16 de Fevereiro e 22 de Junho de 1962.

⁽⁷⁴⁾ AMPNF - A 69, Livro de registo das actas da Câmara: 1962, Setembro, 20.

⁽⁷⁵⁾ A questão da Biblioteca-Museu estar sem director e de não ter um horário capaz por falta de funcionário próprio foi nesta ocasião repetidamente discutida na imprensa local: *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 22 de Junho, 3 de Agosto, 7, 14 e 21 de Setembro de 1962.

⁽⁷⁶⁾ MMPNF - Lv. 1, Actas da Comissão Municipal de Cultura: 1962, Setembro, 27.

⁽⁷⁷⁾ MMPNF - Lv. 1, Actas da Comissão Municipal de Cultura: 1962, Dezembro, 27.

⁽⁷⁸⁾ *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 12 e 19 de Janeiro; 16 de Fevereiro de 1962.

⁽⁷⁹⁾ *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 25 de Outubro de 1963. Esta Biblioteca Fixa esteve temporariamente encerrada entre 1969 e 1971: *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 21 de Março de 1969; 14 e 28 de Maio de 1971.

CUNHA, Maria de Fátima Vila Pouca dos Santos e - Notas históricas sobre a Biblioteca Municipal de Penafiel, *Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel* 2ª série, 4/5 1966/67, 29.

CAMARA MUNICIPAL DE PENAFIEL
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Boletim de entrega N.º _____

Em _____ de _____ de 19____, foram entregues, pela Secretaria, as obras abaixo indicadas.

N.º do Registo	Livro	OBRAS

☉ Encarregado,

CÂMARA MUNICIPAL DE PENAFIEL
BIBLIOTECA MUNICIPAL

Boletim de entrega N.º _____

Em _____ de _____ de 19____, São entregues na Biblioteca Municipal as obras a seguir indicadas.

N.º de Registo	Livro	OBRAS

☉ Chefe de Secretaria,

INDICAÇÕES

Biblioteca Municipal de Penafiel

TÍTULO DA OBRA A ENCADERNAÇÃO EM PORTUGALAUTOR LIMA (MATIAS)

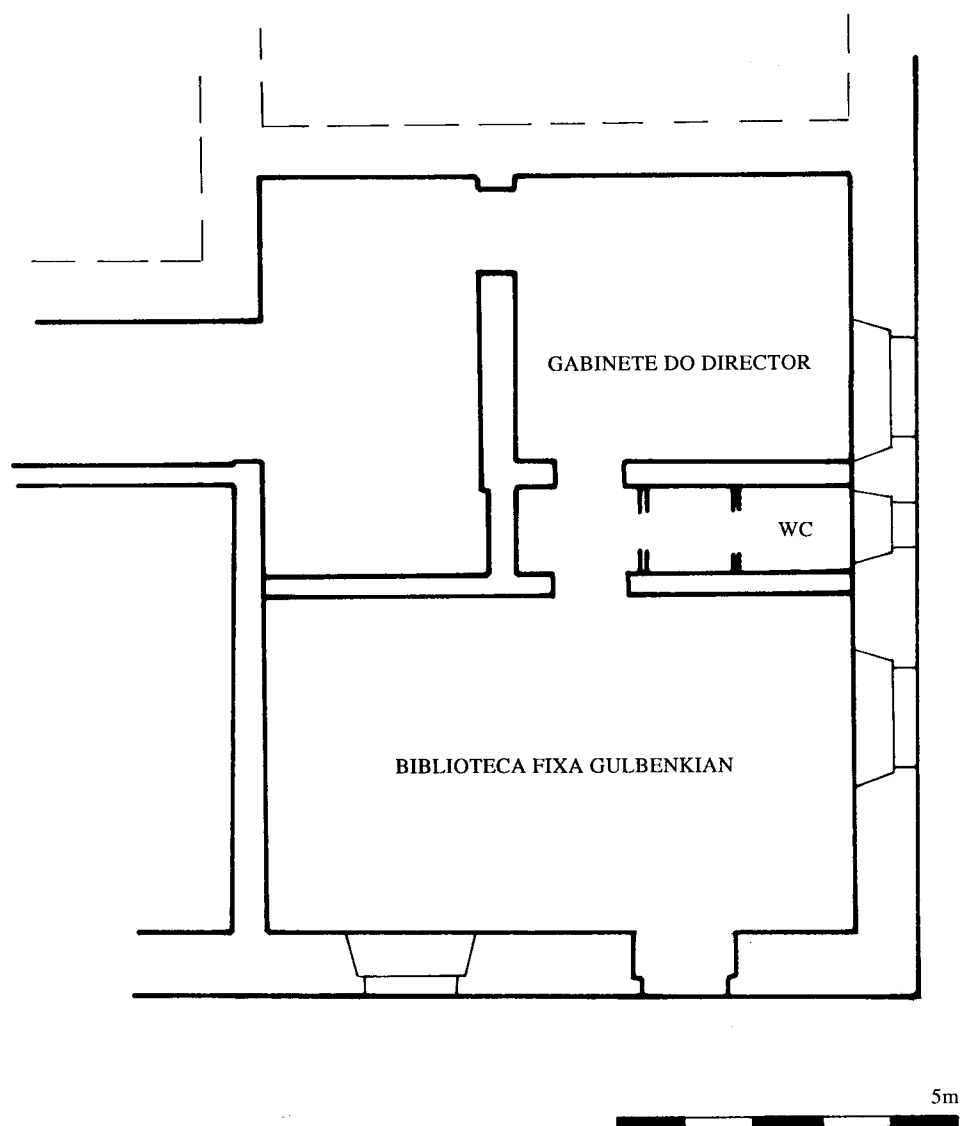
TRADUTOR _____

1 volume

..... exemplar

BIBLIOTECA E MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL

REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PARA INSTALAÇÃO
DA BIBLIOTECA FIXA GULBENKIAN



33. Reorganização do espaço para reinstalação da Biblioteca Fixa Gulbenkian.

PENAFIEL

BOLETIM DA COMISSÃO MUNICIPAL DE CULTURA
DE PENAFIEL

2.ª SÉRIE

1963

N.º 1



Propriedade da
Comissão Municipal de Cultura
de Penafiel

Director
Dr. Ângelo Pimentel

Editor e Chefe de Redacção
Prof. Joaquim José Mendes

Redacção e Administração
Biblioteca-Museu de Penafiel
Telef. 11
Câmara Municipal

COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOG. GERMANA
TELEFONE, 227 — PENAFIEL

SUMÁRIO

Editorial — <i>Prof. J. J. Mendes</i>	Pág. 3 a 8
A Abílio Miranda	
A Nossa Homenagem — <i>Dr. Ângelo Pimentel</i>	» 9 » 13
O Penedo da Pena	» 14
Monges de S. Bento	
Naturais de Penafiel de Sousa — <i>Dr. Moreira da Rocha</i>	» 15 » 20
Inventário dos Manuscritos do	
Arquivo da Câmara de Penafiel — <i>Dr.ª Maria de Fátima</i> <i>Vila Pouca e Cunha</i>	» 21 » 24
Mestres Imaginários	
em Arrifana de Sousa — <i>Dr. Moreira da Rocha</i>	» 25 » 27
«Velharias» — O Zé do	
Telhado — <i>Rodrigo Leitão</i>	» 28 » 29
Um ano de actividades	
da Comissão M. de Cultura — <i>Maria Rosalina Brandão</i> <i>Rodrigues dos Santos</i>	» 30 » 38
Respigando... — <i>Arnaldo J. Vilela</i>	» 39 » 40

V I S A D O P E L A C O M I S S Ã O D E C E N S U R A

34. «Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel». Página de título do primeiro número da 2ª série, dirigido por Angelo Pimentel, 1963.

integralmente pela Biblioteca e Museu. O programa do novo director, apresentado em 1964, era bem mais ambicioso do que o precedente: «a minha maior aspiração neste novo ano de 1964 era poder ocupar todo o palacete do Barão do Calvário. assim poderíamos pensar em organizá-lo convenientemente. Das duas salas de que dispomos uma está ocupada pelo museu de Arte Sacra e a outra pelos restantes objectos, sobretudo de natureza arqueológica. Há ainda o corredor, que possui um mostruário heterogénio. Quando pensamos a sério na organização dum museu condigno, de Arte Sacra, teremos necessidade, não de uma sala, mas de várias salas. A riqueza que já possuímos de objectos pré-históricos e da época romana ver-se-á grandemente aumentada no dia em que se iniciem umas escavações cientificamente preparadas no nosso concelho.

Faz falta uma sala dedicada ao artesanato local e concelhio e a objectos de natureza etnográfica. Outra sala, que temos em vista, será dedicada a recordações do passado penafidelense. Se quiséssemos organizar o museu ainda melhor, teríamos que subdividir as salas, distinguindo os objectos pertencentes às Belas-Artes dos que procedem das artes industriais. Quando poderemos realizar tudo isto?.....Queira Deus - está-nos prometido - teremos em breve, aqui em frente, um jardim arqueológico, onde passarão a figurar algumas das pedras que ali estão amontoadas no átrio da entrada principal...»⁽⁸⁰⁾.

Esta concepção de museu diferia bastante da de Abílio Miranda e, a ser concretizada, teria actualizado a exposição dando-lhe um tom mais de acordo com o que se fazia nos anos sessenta⁽⁸¹⁾.

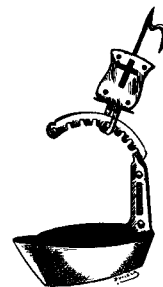
Baldadas esperanças porque o tribunal só abandonaria o palacete no final da década de oitenta. O *jardim arqueológico* esse sim, surgiu frente ao Museu, na praça da República, e ainda aí se mantém por dificuldade em deslocar as peças para local mais protegido.

Também a vocação de Museu com uma forte componente de arte sacra, a que não seria estranho o estado eclesiástico do seu director, se veio a esfriar face a uma importância cada vez maior atribuída à etnografia⁽⁸²⁾, a que se liga a acção de J.J. Mendes e a sua capacidade para mobilizar apoios que convergiram na importante *1ª Exposição de Artesanato Regional*, franqueada ao público entre 6 e 8 de Outubro de 1967.

Entre lamentações pela falta de espaço⁽⁸³⁾ e um trabalho contínuo pela valorização das colecções através de dádivas sempre cuidadas e publicamente anotadas e agradecidas, entre a defesa do património arqueológico e construído, as recolhas etnográficas e a publicação de estudos de história local no boletim⁽⁸⁴⁾, saído até 1967, se passou o melhor desta etapa da vida do Museu.

A exposição de artesanato, a que estiveram presentes executantes de vinte e seis ofícios, coincidiu com o ano em

1.ª EXPOSIÇÃO
DE
ARTESANATO REGIONAL
EM
PENAFIEL



COMISSÃO MUNICIPAL DE CULTURA
6 A 8 DE OUTUBRO
1967

35. Desdobrável editado por ocasião da
*1ª Exposição de Artesanato Regional em
Penafiel*, em 1967.

⁽⁸⁰⁾ MMPNF — Lv. 1, Actas da Comissão Municipal de Cultura: 1964, Janeiro, 9.

Notícias de Penafiel Penafiel, 24 de Abril de 1964; *O Penafidelense*. Penafiel, 9 de Janeiro de 1964.

⁽⁸¹⁾ RAMOS, Paulo Oliveira — Breve história do museu em Portugal, in *Iniciação à museologia*, Lisboa 1993, 55 e segs.

⁽⁸²⁾ A um nível bem diferente, é por estes mesmos anos que a actividade de Jorge Dias e da sua equipe toma novo alento, procurando materiais para o futuro Museu de Etnologia: PEREIRA, Benjamim — Ernesto Veiga de Oliveira e o Museu de Etnologia, in *Estudos em homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa 1989, 555-568.

⁽⁸³⁾ *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 8 de Janeiro e 23 de Abril de 1965.

⁽⁸⁴⁾ *Penafiel. Boletim da Comissão Municipal de Cultura de Penafiel* 2ª série, 1 1963 a 4/5, 1966/67.

1.ª Exposição de Artesanato do Concelho de Penafiel

BORDADOS	FERRHO FORJADO	REDES
<p><i>Escola Industrial de Penafiel</i> <i>Maria Augusta de Araújo Correia</i> (Rio Mau-Sebolido)</p> <p><i>Maria do Rosário Martins Pinto</i> (Rio Mau-Sebolido)</p> <p><i>Patrãoete da Sagrada Família</i> (Penafiel)</p>	<p><i>Escola Industrial de Penafiel</i> <i>Joaquim Pereira</i> (S. Martinho)</p>	<p><i>António Pinto Espincho e Filho</i> (Eja) <i>Octávio Monteiro</i> (Rio Mau-Sebolido)</p> <p><i>Hilário Rodrigues Gomes</i> (Rio Mau-Sebolido)</p> <p><i>Manuel Moreira Carvalho</i> (Rio Mau-Sebolido)</p> <p><i>José Maria da Silva Rocha</i> (Rio Mau-Sebolido)</p>
<p>CANDEIAS <i>Escola Industrial de Penafiel</i></p>	<p>GALÃO <i>Afonso Soares da Silva</i> (Rans) <i>Albina Sá Pereira da Cruz</i> (Galegos) <i>Ana da Silva</i> (Galegos) <i>Augusto Ferreira Cancela</i> (Galegos) <i>Aurora da Silva Santos</i> (Galegos)</p>	<p>RENDAS <i>Casa do Outeiro</i> (Rio Mau-Sebolido) <i>Escola Industrial de Penafiel</i> <i>Maria Rosa Nogueira da Gama</i> (Rio Mau-Sebolido)</p>
<p>CESTARIA <i>António Gomes Magalhães</i> (Penafiel)</p>	<p>LATOARIA <i>José Pereira da Silva</i> (Penafiel) <i>Manuel Ribeiro</i> (Novelas)</p>	<p>TALHA <i>António Ferreira</i> (Novelas) <i>António Gomes Magalhães</i> (Penafiel) <i>Escola Industrial de Penafiel</i> <i>Alfa-Indústria de Madeiras de Penafiel, L.da</i></p>
<p>CHANÇAS <i>Alfredo de Sousa Lopes</i> (S. Martinho) <i>Manuel A. Afonso</i> (Penafiel)</p>	<p>LIMAS <i>Antbal Ribeiro de Sousa</i> (Novelas)</p>	<p>TANÇANCOS <i>Alfredo de Sousa Lopes</i> (S. Martinho) <i>Joaquim Duarte Ferreira</i> (Bustelo)</p>
<p>COBERTORES <i>Alzira da Silva</i> (Luzim) <i>Ana Rosa Ferreira</i> (Galegos) <i>Casa de Jesus Misericordioso</i> (Ordins-Lagares)</p>	<p>LINHOS <i>Felicja da Conceição Guimarães</i> (Boelhe) <i>Franquelina Moreira da Rocha e Filhas</i> (Cabeça Santa) <i>Maria da Conceição da Silva Leite</i> (Cabeça Santa) <i>Maria Emília de Sousa</i> (S. Martinho)</p>	<p>TANOARIA <i>Joaquim Oliveira Rocha</i> (Penafiel)</p>
<p>COBRES <i>Joaquim Pereira da Cunha</i> (Penafiel) <i>José Carvalho de Macedo</i> (Penafiel) <i>Rodrigo da Cunha Ferreira, Herdeiros</i> (Penafiel) <i>Vitorino Ferreira da Cunha</i> (Penafiel)</p>	<p>LUVAS DE APICULTOR <i>Maria José Oliveira Amorim</i> (Rio Mau-Sebolido)</p>	<p>TAPETES <i>Alzira da Silva</i> (Luzim) <i>Casa de Jesus Misericordioso</i> (Lagares) <i>Felicja da Conceição Guimarães</i> (Boelhe) <i>Franquelina Moreira da Rocha e Filhas</i> (Cabeça Santa)</p>
<p>CORREARIA <i>Luís de Sousa Mendes</i> (Penafiel)</p>	<p>MANTAS DE TIRAS <i>Ana Rosa</i> (Galegos) <i>Casa de Jesus Misericordioso</i> (Ordins-Lagares) <i>Maria Emília de Sousa</i> (S. Martinho)</p>	<p>TRABALHOS DE MADEIRA <i>António Moreira</i> (Novelas) <i>Escola Industrial de Penafiel</i> <i>Maria Gomes Pinto</i> (Rio Mau-Sebolido) <i>Maria do Rosário Martins Pinto</i> (Rio Mau-Sebolido)</p>
<p>CORTIÇOS <i>António Marques</i> (Rio Mau-Sebolido)</p>	<p>PALHA <i>António Augusto Duarte</i> (Castelões)</p>	<p>XALLES <i>Casa de Jesus Misericordioso</i> (Ordins-Lagares)</p>
<p>ESTATUÁRIA <i>José da Rocha Ferreira de Melo</i> (S. Martinho)</p>		
<p>FERRAGENS <i>Joaquim Ribeiro de Sousa</i> (Novelas)</p>		

que a Comissão Municipal de Cultura deixou de reunir e produzir actas e também em que os jornais publicaram um aviso em que se anunciava o encerramento da Biblioteca-Museu a partir de Setembro por falta de verba para pagar a pelo menos um funcionário⁽⁸⁵⁾. Encerrada continuava em Março do ano seguinte, sendo então já audíveis os protestos⁽⁸⁶⁾.

Consumado o afastamento do vereador e vice-director J. J. Mendes⁽⁸⁷⁾ e do antigo director, Ângelo Pimentel, em finais de 1968 dissolveu-se a Comissão Municipal de Cultura. A tentativa de nomear um novo director na pessoa do dr Elísio Ferreira de Sousa⁽⁸⁸⁾ foi vetada pela Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes⁽⁸⁹⁾.

No final desse mesmo mês de Março a Câmara delibera, em sessão, contratar um vigilante que comece por fazer o inventário geral⁽⁹⁰⁾. O mesmo estava já empossado em Abril, anunciando-se em Maio a reabertura com novo horário: dias úteis das 14 às 18 horas e domingos das 15 às 17 horas⁽⁹¹⁾.

O inventário sistemático começava a ser realizado então pela única funcionária, Maria Avelina Brandão Rodrigues dos Santos, em ficha própria, e a Biblioteca-Museu reencontrava a boa ordem, como primeiro com surpresa e depois com agrado os jornais noticiavam⁽⁹²⁾. Os oitocentos e setenta e cinco visitantes registados no livro de entrada do Museu durante o ano de 1969 são a melhor prova desta recuperação⁽⁹³⁾. No ano seguinte visitaram o Museu mil cento e sessenta e quatro pessoas, em 1972 mil tezentas e noventa e nove e em 1973 mil quinhentas e sessenta e seis⁽⁹⁴⁾.

Só a questão do director, envolta em funda polémica⁽⁹⁵⁾, a que se acrescentou a criada pelas comemorações do bicentenário da elevação de Penafiel a cidade, se manteria sem solução por muitos anos. Em 1972 e 1973 publicam-se mais dois números do agora *Penafiel. Boletim de Cultura da Câmara Municipal*, sem

**Biblioteca - Museu Municipal
Penafiel**

N.º.....	SECÇÃO:.....
PROCEDÊNCIA:	
OFERTA DE:	
REF. BIBLIOGRÁFICA:	

36. Ficha de inventário utilizada no Museu Municipal de Penafiel, a partir de 1968.

⁽⁸⁵⁾ *O Penafidelense*. Penafiel, 12 de Setembro de 1967. *O Tempo*. Penafiel, 17 de Setembro de 1967.

⁽⁸⁶⁾ *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 1 de Março de 1968.

Esse encerramento fora solicitado pelo director no final de Agosto, perante a impossibilidade de garantir a segurança e os serviços mínimos: AMPNF — A s/n, Pasta contendo correspondência recebida, 1967, Agosto, 24.

⁽⁸⁷⁾ AMPNF — A s/n, Pasta contendo correspondência recebida, 1968, Outubro, 2.

⁽⁸⁸⁾ AMPNF — A 79, Livro de registo das actas da Câmara: 1968, Novembro, 21; A s/n, Pasta contendo correspondência recebida, 1968, Novembro, 19.

⁽⁸⁹⁾ AMPNF — A 515, Livro de registo da correspondência recebida: 1968, Novembro, 29; A 516, Livro de registo da correspondência recebida: 1969, Março, 3; A 80, Livro de registo das actas da Câmara: 1969, Março, 6; A 258, Livro copiador de correspondência expedida: 1968, Dezembro, 11.

⁽⁹⁰⁾ *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 22 de Março de 1968.

AMPNF — A 79, Livro de registo das actas da Câmara: 1968, Março, 31.

⁽⁹¹⁾ *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 12 Abril e 3 de Maio de 1968.

AMPNF — A s/n, Pasta contendo correspondência recebida: 1968, Maio, 22.

⁽⁹²⁾ *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 27 de Setembro de 1968.

⁽⁹³⁾ *O Penafidelense*. Penafiel, 13 de Janeiro de 1970. *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 16 de Janeiro de 1970.

⁽⁹⁴⁾ *O Penafidelense*. Penafiel, 16 de Março de 1971 e 3 de Julho de 1973; *Dário de Notícias*. Lisboa, 21 de Março de 1973. *O Tempo*. Penafiel, 20 de Janeiro de 1974.

⁽⁹⁵⁾ *O Penafidelense*. Penafiel, 27 de Janeiro e 10 de Fevereiro de 1970. *Notícias de Penafiel*. Penafiel, 26 de Fevereiro de 1971. *O Penafidelense*. Penafiel, 16 de Março de 1971.

ARQUEOLOGIA

NÚMERO (Rótulo)	SECÇÃO	DESCRIÇÃO	DATA DA INCORPORAÇÃO	PROVENIÊNCIA	ESTADO DE CONSERVAÇÃO	OBSERVAÇÕES
1	Arqueologia	Fragmento de uma moeda	31 de Julho 1968	Castiçosa de Avel. Douro - L. T. T. T.		Pa. B. B. Penafiel, Museu n.º 3, 1989
2	"	Fragmento de moeda com abstrato	"	"		
3	"	Fragmento de moeda com abstrato	"	"		
4	"	Moeda com aversa	"	"		
5	"	Moeda com aversa	"	"		
6	"	Moeda com aversa	"	"		
7	"	Moeda com aversa	"	"		
8	"	Moeda com aversa	"	"		
9	"	Moeda com aversa	"	"		
10	"	Moeda com aversa	"	"		
11	"	Moeda com aversa	"	"		
12	"	Moeda com aversa	"	"		
13	"	Moeda com aversa	"	"		
14	"	Moeda com aversa	"	"		
15	"	Moeda com aversa	"	"		
16	"	Moeda com aversa	"	"		
17	"	Moeda com aversa	"	"		
18	"	Moeda com aversa	"	"		
19	"	Moeda com aversa	"	"		
20	"	Moeda com aversa	"	"		
21	"	Moeda com aversa	"	"		
22	"	Moeda com aversa	"	"		
23	"	Moeda com aversa	"	"		
24	"	Moeda com aversa	"	"		
25	"	Moeda com aversa	"	"		

37. Folha do Livro de Cadastro existente no Museu Municipal de Penafiel, posterior a 1968.

menção de director, espelhando o empenho em que as instituições da Câmara haviam caído.

O balanço desta estagnação foi feito em 1974 por A. Gomes de Sousa, em artigo inserto no jornal local *O Tempo*, de 29 de Maio. Descreve-se o Museu e o seu rico espólio de história local, agora distribuído tendencialmente por grupos temáticos, embora essa fosse uma tarefa impossível com tão restrita área, mas não é disfarçado o marasmo que, sem verbas nem apoios, só o esforço da ainda única funcionária procurava ultrapassar:

«Aguarda as novas instalações o Museu de Penafiel, pois é bastante exíguo o espaço de que dispõe actualmente: uma sala de Arte Sacra, outra de Arqueologia, um corredor com objectos de etnografia e história do concelho e um « jardim arqueológico». Anexa está a Biblioteca Municipal e a da Gulbenkian.

Em resumo, as principais peças da sala de Arte Sacra: colcha de seda, bordada a ouro, trabalho indo-português do século XVIII, representando a árvore da vida; Paramentos vários, alguns serviram no oratório da Câmara; Imagem de Nossa Senhora das Neves, de granito policromo, do século XVII; Estatueta equestre de S. Jorge, de madeira; Imagem de S. Jorge que sai na procissão do Corpo de Deus; Bula de Paulo V instituindo a Confraria de Nossa Senhora do Rosário de Arrifana de Sousa, em 1968; Representação da lenda de S. Jorge e o Dragão, de pedra, do século XIV ou XV, proveniente da Igreja de Marecos, destruída nas invasões francesas.

Por falta de espaço noutra sala, encontram-se ainda nesta vários telizes brasonados, pertencentes às casas nobres do concelho e um engenho de moer linho.

Na sala de arqueologia: dezenas de objectos de cerâmica, bronze e vidro, provenientes das várias estações arqueológicas do concelho, nomeadamente do Mosinho, Duas Igrejas, Santiago e S. Vicente.



38. Vista do Jardim Arqueológico.

No corredor: Uma vitrina com taças dos antigos clubes da cidade, o Sport e o União; faixas da vereação e vara da cidade; traje típico da lavradeira de Penafiel; espadas de fabrico local; armas; uma vitrina com ferragens; outra com batentes de portões, sinetas e cunhos; outra com chaves e outra com pratos pintados por um ignorado pintor penafidelense, Melo Viana, que era surdo-mudo. Há, ainda, neste corredor, medidas antigas, típicas candeias de azeite, diversas peças de artesanato local, o pavilhão real que esteve hasteado no Palacete do Barão do Calvário quando ali se hospedou el-Rei D. Luís, em 10 de Julho de 1872, e uma casaca com alamares de prata, usada nas primeiras touradas de Penafiel.

No átrio do Museu e no jardim da Praça da República encontram-se numerosas peças arqueológicas provenientes de várias freguesias do concelho mas sem qualquer classificação ou identificação»⁽⁹⁶⁾.

NÚMERO 1

1 9 7 2

penafiel

BOLETIM DE CULTURA DA CÂMARA MUNICIPAL

S U M Á R I O

	Págs.
Boletim Cultural—Dr. Manuel Alves Moreira—Presidente da C. M. de Penafiel	5
O Padre Mestre Frei Inácio de Ataíde—D. Gabriel de Sousa, Ab. O. S. B.	7
Os Antigos Retábulos da Igreja Matriz do Torrão—Prof. Dr. Flávio Gonçalves	13
A Casa e Capela das Quintãs de Cima em S. Vicente do Pinheiro—Dr. Eugénio de Andrea da Cunha e Freitas	18
Evocação—D. Maria Luisa Carneiro Pinto	21
Habitantes Pré-Históricos do Concelho de Penafiel—Dr. Elisio de Meireles Ferreira de Sousa	30
O Cantador—Dr. Zacarias de Sá Oliveira	32
Dois Eclesiásticos—Dr. António Moreira da Rocha	37
«Aqueles que per Obras Valerosas se Vão da Vida Libertando»—D. Gabriel de Sousa	55
D. Manuel Luís Coelho da Silva—A. M. R.	59
D. João Gomes Ferreira—A. M. R.	61
PARTE DOCUMENTAL:	
Memória paroquial de S. Paio da Portela (1758)	67
Anotações à memória da Portela—A. M. R.	74
Apontamentos genealógicos—A. M. R.	81
O meu botãozinho d'oiro—P.º José Monteiro de Aguiar	94
Capelas no concelho de Penafiel—A. M. R.	97

39. «Penafiel. Boletim de Cultura da Câmara Municipal».
Página de título do número de 1972, sem indicação de director.

⁽⁹⁶⁾ O Tempo. Penafiel, 29 de Maio de 1974.